





Ao grande poeta e
meu velho amigo,
Mucio Teixeira,

Off.^o

Fortessa Xavier

Br., 1905

FONTOURA XAVIER



OPALAS



(Edição definitiva, muito augmentada)

Com um prologo de Annibal Falcão e um julzo crítico
do Visconde de S. Boaventura



LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5 — LARGO DE CAMÕES — 6
—
1905

OPALAS

FONTOURA XAVIER

OPALAS

(Edição definitiva, muito augmentada)

Com um prologo de Annibal Falcão e um julzo critico
do Visconde de S. Boaventura



LISBOA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5 — LARGO DE CANÕES — 6
—
1905

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178, rua de D. Pedro, 184 — Porto

A' MEMORIA DE MEUS PAES



OCUPAMOS aqui o lugar que estava reservado a um que é hoje morto -- Arthur Oliveira. Da lembrança dos que o conheceram certo se não terá apagado aquella extranha figura, cheia dos arrebatamentos da febre, da louca furia da arte. Era um possesso do bello, alma cheia de imaginação -- e só de imaginação -- unidade terrivel e compromettedora para a lucidez do espirito e para a saude do corpo. O resultado é que elle desapareceu, tendo a sua existencia sido apenas o promettimento de uma grandeza, que não apoucarão jamais as considerações do scepticismo irreverente e do materialismo d'aquelles que só endosam os vencedores, e não têm lagrimas de saudades pelos heroes vencidos. O mundo grego -- ao qual tinhas tanto amor, pobre moço malogrado -- diria de ti pela bocca de Homero que

foste amado de Zeus, pois que te arrancou joven á vida. Todavia uma apostrophe de Ajax diria tambem que te faltou a gloria promettida aos que cedo abandonam este mundo.

E é essa a dor maior dos que te conheceram e estimaram; tanto mais pungente para nós quanto, comparando-o ao teu poder de criação artistica, é pobre e frio o que podemos imaginar do que aqui dirias, na tua prosa deslumbrante, prefaciando as poesias do nosso bello e commum amigo Fontoura Xavier.

A Arthur Oliveira não succedemos, pois, se não no empenho de amizade: o acervo dos seus bens litterarios levou-os elle ao tumulo, como os guerreiros fetichistas levavam as suas armas de guerra — as socias da sua tarefa na vida.

Temos mais a dizer. O afastamento da litteratura contemporanea, em que não encontramos a satisfação das nossas necessidades estheticas; as nossas convicções em materia d'arte; os nossos preconceitos e o ideal que nos atrevemos a conceber ácerca dos destinos da poesia — nos tornam inhabil para o desempenho da missão que já hoje é nossa, — por extrema benevolencia de Fontoura Xavier.

Mas escreveremos conforme pensamos.

O leitor conhece Fontoura Xavier? E' um adepto da vária poetica dominante. Como tal, as suas qualidades e os seus defeitos são communs á totalidade dos poetas contemporaneos; mas no-

taremos o que n'elle houver de mais preciso ou *accentuado*.

A falta mais grave de toda a litteratura contemporanea consiste em confundir os diversos elementos da elaboração artistica, dando preeminencia aos dois inferiores, isto é, ora á expressão, ora á observação. D'esta fórma é prejudicada a idealisação, — operação essencial da poesia, embora toda a synthese poetica deva repousar sobre a observação da existencia real.

Mas a razão da confusão apontada vem de que não se precisa até onde as condições da realidade objectiva devem ser respeitadas, ou o que importa aproveitar do que existe concretamente, para d'ahi induzir o typo d'onde se deduza a construcção final — destinada a provocar as emoções estheticas.

Ora, essa theoria é dada pela consideração do fim real da arte — que é o aperfeiçoamento da nossa existencia moral, e resulta da contemplação da obra esthetica da Humanidade.

Se a considerarmos, pois, sob o primeiro aspecto, isto é, em relação ao objectivo da produção artistica, veremos que o que unicamente não pôde ser violado é o que se destina a preencher esse fim, isto é, o conjuncto de leis que regulam a existencia moral. Uma vez n'este ponto da elaboração da theoria da arte, podemos sem custo generalisal-a, e chegaremos á sua formula verdadeira, que é: o desprezo das leis inferiores e o respeito estricto das condições da vida superior.

Releva notar de passagem que a serie de processos logicos que se deve seguir — e espontaneamente é seguida — nas construcções poéticas é precisamente a das indagações scientificas.

Mas vejamos como a contemplação do thesouro esthetico da Humanidade — producto espontaneo empiricamente formado e de que só depois o genio abstracto deduziu as leis — confirma esta doutrina.

Nas diversas fórmulas e phases da arte humana vemos que o que predomina como elemento capital é o assumpto — seja desenvolvido de qualquer maneira. Vemos tambem que esse assumpto é sempre synthetico — o que não se poderia dar reduzindo a poesia á estricta obediencia da observação concreta — por si variada e confusa. O assumpto artistico — da architectura, da esculptura, da pintura, da musica e da poesia propriamente dita — é, mesmo nas suas primeiras e mais categoricas manifestações, puramente religioso, isto é, o superior e mais synthetico. Quando a dissolução do velho regimen theocratico separa a arte do ramo sacerdotal, ella não abandona de modo algum o seu dominio religioso, e continúa na Grecia a idealisar o Olympo. Finalmente, embora accentuando-se as suas tendencias dispersivas — é sempre a existencia moral e social que ella idealisa fazendo convergir para o homem a propria idealisação das leis cosmicas. N'outras palavras, ella é sempre *anthropocentrica*, para nos servirmos de uma expressão corrente.

Esta incompleta e rapida contemplação revela que, nas obras d'arte, o assumpto idealisado é o primordial elemento, e que a observação não sugere senão dados esparsos, que o genio poetico trata, sujeitando-se unicamente á lei de respeitar o superior e desprezar o que é inferior.

Uma consideração final tornará mais claras as nossas idéas.

Imaginemos que no poema de Dante — perdoem-nos a blasphemia — Beatriz é apresentada como um typo sujeito a todas as condições da vida biologica, ao passo que a sua existencia moral não apresenta aquella pureza e ternura que a fazem soberana. — Não haveria nada menos artistico.

Entretanto, na construcção de Dante, a figura de Beatriz vive desprendida das necessidades da existencia biologica. — Isso não irrita o senso popular. Mas as leis moraes foram respeitadas, e dirigida a sua idealisação ao fim de commover-nos aperfeiçoando-nos. — Isso constitue a imperecivel belleza da creação do poeta.

Mas, como dissemos, ainda a poesia contemporanea — faz que a expressão sobreleve ao assumpto.

Essa tendencia tem uma explicação, que em parte é uma justificativa.

A emancipação crescente do espirito humano, afastando-o do theologismo, entregou-o livremente á sua espontaneidade primitiva. Es-

sa revolução reflectiu-se na linguagem, criação antiga e espontanea da Humanidade, e em que se mantiveram os traços da existencia primitiva. Então a linguagem litteraria — rompendo com os canones classicos — approximou-se da linguagem popular, cujo processo de expressão essencialmente subjectivo e sentimental coincidia com as verdadeiras condições do processo artistico. O homem, livre do amor a Deus, recomeçou a dizer as velhas phrases fetichistas de amor á natureza-mãe — viva e animada d'uma benevolencia providente.

Esse enriquecimento da linguagem poetica, coincidindo com o apuro dos processos do estylo, dada a redução do valor do assumpto idealizado, trouxe, porem, *obcessão da phrase*. Dizer d'um modo original e frisante, d'um modo impressivo e extraordinario, tornou-se o cuidado principal dos poetas e prosadores; e com isto a sobriedade, a perspicuidade e a clareza deixaram de ser as virtudes do bom estylo. Se a pintura tornou-se mais brilhante e grandiosa, perdeu em verdade e em exactidão de proporções e de planos. As grandes pinceladas da metaphora fizeram dos quadros — verdadeiras scenographias, uma especie de *trompe l'œil* caprichoso, uma encenação de opera, e não a sincera e serena pintura — grandiosa quando convem, e opportunamente simples.

A summa d'estas considerações dá a idéa do

que, segundo o parecer que adoptamos, se obtem em resultado da evolução da arte contemporanea: a riqueza d'um estylo a corrigir nas suas infidelidades, a capacidade para fazer observações parciaes, cujo aproveitamento deve ser muito discreto.

Dissemos que apontariamos o que mais saliente se nos figura haver no poeta Fontoura Xavier. Ao par da sua metrificacão correctissima e do seu estylo brilhante, elle tem ainda uma alta qualidade, a nosso ver, a mais recommendavel de quantas possui: é a tendencia, o grande ardor social que se revela nas suas poesias.

A um dos muitos e varios ramos da arte contemporanea essa tendencia é commum, e d'ella surgiu o que se chamou a poesia socialista.

O phenomeno é digno de nota. Ao passo que uns reproduzem a vida vulgar, outros, sentindo, embora presos á corrente geral do realismo, a soberana importancia do assumpto, buscam traduzir as aspirações, as aneias, as blasphemias e a vaga esperanza do moderno viver social.

Cumpra notar que esta escola, surgindo em fins do seculo passado, abrilhantou a primeira phase da poesia contemporanea, dando-nos a idealisação do homem livre do theologismo — livre, mas, ao mesmo tempo, rebelde, e — fazendo como o liberto — da sua liberdade o uso digno d'um escravo.

Mas o que domina n'esse aspecto da poesia

contemporanea é o seu vago sentimento do verdadeiro destino da arte, o qual afasta-a da vulgaridade e do rebaixamento.

E é aquelle character que se nota quasi sempre em Fontoura Xavier: o seu amor da Patria, o seu sentimento de liberdade, a sua indignação em presença das miserias actuaes e a sua forte aspiração d'um futuro melhor, em que a justiça será a lei e terá desaparecido do mundo a velha iniquidade. E, levado naturalmente d'essa oppressão do viver hodierno, elle, ao mesmo tempo que divisa os altos cimos do longiquo futuro, volta ao passado os olhos turvos das lagrimas de gratidão pelos trabalhadores emeritos. — Não poderíamos esquecer aqui as suas bellas estrophes a Tiradentes, repassadas d'um sentimento simultaneamente terno e forte — como a dôr varonil dos que enterram o companheiro de luctas e tornam prestes para onde mais accesso vai o pelear.

Era n'esse vasto campo que desejavamos vê-lo sempre. A sua alma verdadeiramente poetica ha de comprehender que os costumes modernos não são susceptiveis de idealisação vivaz; e na historia elle encontrará o manancial inesgotavel das grandes emoções.

« Riante antiquité! beauté toujours nouvelle! »

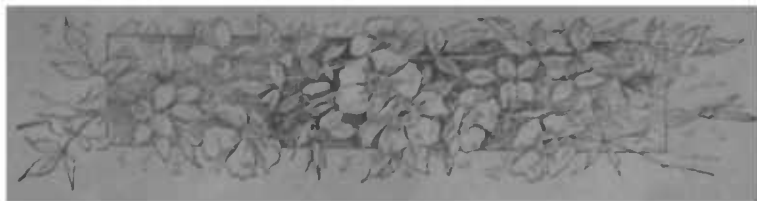
Essa é a necessidade do artista moderno: só na contemplação do passado elle encontrará os ele-

mentos de obras imperecíveis. E' n'essa successão de paineis terriveis, grandiosos, tristes e esplendidos que o poeta de hoje deve ir buscar a scena que o seu genio opulentará — o segredo do nosso coração e da sua gloria. Assim é que, ha sete para oito seculos, procedem os eleitos da Arte, e d'elles é que sabemos que o homem não perdeu a sua força esthetica.

1884.

ANNIBAL FALCÃO.





FONTOURA XAVIER

ESTE notavel poeta, que é um perfeito « gentleman » e que desempenha o mais correcta e conscienciosamente possivel o cargo de consul geral do Brazil em New York, tendo prestado no exercicio das respectivas funções, reaes serviços ao seu paiz, foi, quando estudante, um rapaz endiabrado. Espirituosa, mas temivelmente endiabrado. Como João de Deus e João Penha em Coimbra, deixou lenda, quer no Rio de Janeiro, quer em S. Paulo, quer no Recife.

D'ahi, por certo, o denominarem-no « poeta satanico », pois que os seus esplendidos versos nada tem de lueiferinos. São protestos indignados de uma alma boa e pura, são brados de revolta contra a iniquidade social. Inspira-os o bem da humanidade e não o espirito do mal.

Fontoura Xavier foi dos primeiros, que, no

Brazil, rompendo o estreito ambito da poesia subjectiva, entoaram canticos viris; dos primeiros que, abandonando o violão choroso das serenatas, empunharam a tuba revolucionaria; que, sacudindo os languores morbidos do lyrismo lamartineano, imprimiram ao verso os accentos da musa vingadora.

Bardo! o cantar somente o collo nú da amante
Não diz co'a evolução do seculo gigante!

A «Elvira» das poesias de Fontoura Xavier
tem por nome Justiça e é

o sol da Nova Ideia,
A Musa varonil da homérica epopeia.

No ardente culto que lhe vota, o poeta chega
á ternura de chamar á Justiça — « a boa mãe ».

Justiça, ó boa mãe! no julgamento extremo
Tu nunca lançarás o anathema supremo,
Como um labéu de morte, á face dos heroes.

Descerra o Pantheon, accende o alampadario
E leva aquelle morto ao fózo planetario
D'esta constellação phantastica de sóes.

Estes magnificos tercettos fazem parte de uma
bella e vibrante poesia, em que, talvez indevidamente, se reclama a glorificação do alcunhado

« Tiradentes », como tendo sido a alma da conjuração que se tramou em Minas Geraes, no ultimo quartel do seculo XVIII e que ficou designada por — Inconfidencia.

O grande ardor social, que é, não só a mais alta qualidade de Fontoura Xavier, como disse no excellente prologo das *Opalas* o finado Annibal Falcão (um dos mais lucidos espiritos do Brazil moderno), mas tambem a característica da sua individualidade poetica, manifesta-se, principalmente, na soberba poesia *O velho deus*.

O velho deus é o Sol.

Que poeta deixou de cantar o astro-rei, proclamando-lhe a magestade, como esplendor e como força?

Fontoura Xavier, poeta humanitario, que pensa nos problemas da miseria, saúda-o sob um ponto de vista novo:

Sempre tens um pedaço do teu manto,
Um farrapo de luz para a miseria!
E eu nunca vi a purpura de um santo
Enxugar um só pranto
Ou cobrir uma chaga deleteria!

De entre as produções poeticas de Fontoura Xavier a que mais contribuiu para attrahir a attenção publica sobre o seu nome, porque fez escandallo, foi a satyra politica *O Regio Saltimbanco*, escripta em 1877. Reinava ainda no Brazil o sr. D. Pedro II, de saudosa e veneranda memoria.

Fontoura tinha então 17 annos e fazia a propa- ganda republicana como fazia as suas « estudan- tadas ».

Machado de Assis, o primaz actual da littera- tura brazileira, escreveu que elle abraçara uma ideia politica para ter pretexto para os seus ver- sos socialistas, e o agudo critico Urbano Duarte disse mais tarde que, no regimen republicano, Fontoura Xavier, em vez de escrever *o Regio Saltimbanco*, escreveria *Os saltimbancos da re- publica*. Méro diletantismo politico. Como quer que seja, porem, segundo José do Patrocínio,¹ « *o Regio Saltimbanco* é um poemeto mortifero como um chuço de assaltante da Bastilha; de pensamentos rubros como uma fogueira de holo- causto. Algumas de suas estrophes deviam cair como um punhado de farinha no manto de Ce- zar; outras deviam queimar-lhe o rosto como um jacto de vitriolo. » Na opinião de Lopes Trovão, « esses versos fazem lembrar uma tribu de leões ou as triumphantes legiões romanas que passa- ram na conquista do mundo. Sente-se em cada um d'elles a alma de um Graccho, a vibração electrica das tempestades das Termopilas ». ² Es- tes juizos são profundamente verdadeiros, sób o ponto de vista litterario.

¹ *Gazeta da Tarde*, 22 de julho de 1885. Rio de Ja- neiro.

² Critica sobre o « *Regio Saltimbanco* », 1887. Rio de Janeiro.

Outra composição de Fontoura Xavier que lhe deu fama e que todos os rapazes recitavam, foi este malicioso soneto:

A MULHER DO PALHAÇO

Eu ando triste, mudo, atrabiliario,
Persegue-me a visão de um sonho vago ;
Tenho as tristezas tetricas de Mario,
E as solidões sinistras de Carthago.

Nem saiba o mundo .. Tábido sudario
Envolve-me a paixão que em mente afago . . .
Vou em meio caminho do Calvario
E desconheço a cruz que aos hombros trago !

Desconfio de alguém. De longa data
Conto entre as minhas relações ignotas
A graça esculptural d'uma acrobata .

Muita vez, *á saída*, dei-lhe o braço,
E inda tenho present' as cambalhotas
Que ella dava na ausencia do palhaço ! .

Outro bello soneto, que quasi todos os jornaes brazileiros reproduziram e que foi muito festejado:

ESTUDO ANATOMICO

Entrei no amphitheatro da sciencia,
Attrahido por méra phantasia,
E approuve-me estudar anatomia,
Por dar um novo pasto á intelligencia.

Discorria com toda a sapiencia
 O lente n'uma mesa onde jazia
 Uma immovel materia, humida e fria,
 A que outr'ora animára humana essencia.

Fôra uma meretriz; o rosto bello
 Pude, tímido, olhal-o com respeito
 Por entre as negras ondas do cabello.

A convite do lente, contrafeito,
 Rasguei-a com a ponta do escalpello
 E não vi coração dentro do peito!

Evidentemente, ha novidade nas poesias de Fontoura Xavier.

Quanto á forma, Fontoura Xavier é primoroso na versificação e brilhantissimo no estylo, cheio de petulancias, quasi sempre felizes; ama a sonoridade do rythmo e procura — para a vencer — a difficuldade da rima. « O apparecimento das *Opalas* foi um successo, diz-nos Figueiredo Pimentel. ¹ Não havia quem não soubesse de cór o soneto *Loura e Branca* :

Loura e branca, de um lyrio na brancura
 Parece filha d'um pincel divino!
 A gente, ao vêl-a, lembra-se de Urbino,
 Tem impetos de pôr-lhe uma moldura.

¹ *Revista Contemporanea*, Rio de Janeiro, Junho de 1902.

Grande parte da mocidade brasileira d'então — era nos tempos do Imperio, era na época da propaganda republicana, ainda em ideal, ainda em sonho — admirava, sobretudo, no autor das *Opalas*, o poeta vibrante de *Tiradentes*, o *Imperador em Minas*, *Fiat Lux*, *A Guerra*, etc., etc.. Outros saudavam n'elle o bardo da *Musa livre*.

Eu adoro-a depois... no epilogo da lucta,
Quando, cheia de febre, apparição da taça,
Ella surge entoando uma canção devassa
Como as deusas pagans — a druidica polluta!

d'O velho Deus, Junto de um morto, A morte de Gerard de Nerval e dezenas e dezenas de outras poesias n'esse estylo. » Acrescenta Urbano Duarte ¹ que « apesar do seu estylo alcandorado e do colorido ardente e gritador que elle derrama á flux em suas produções, Fontoura Xavier não é poeta banal; para muitos será isso mesmo a sua melhor qualidade. Não ha duvida que é um tanto theatral, que arma ao effeito, que se preocupa demasiado com a sonoridade do verso, com o peregrinismo da expressão, com a difficuldade da rima, com a singularidade e o imprevisto das imagens. Mas afinal de contas emerge a sua *individualidade* no meio d'aquella douda symphonia de vocabulos mirabolantes, de hyperboles arrojadas, de estranhas visualidades, n'aquelle carnaval vertiginoso de cortezans, de *clowns*; de

¹ A *Semana* de 10 de janeiro de 1885. Rio de Janeiro

padres, de reis, de cézares, de deuses, de demônios, de garotos, de esplendores, de podridões, de furores revolucionarios, de rugidos de leão, gritos de condor, silvos de serpente, échos de cazerna, guizos de arlequim, brados de victoria e vozes de além tumulo; tudo revolteando em dança macabra á musica de um rythmo estranhamente harmonioso e atordoadamente bello! Como certas bebidas que embriagam augmentando a sêde, as poesias de Fontoura Xavier atordoam e embriagam, deixando a ancia das aspirações não satisfeitas. »

« O seu grande merito, segundo Teixeira Bastos, ¹ está em que talvez melhor do que as poesias de nenhum outro, dos que temos lido ultimamente, se aproxima de um ideal humano grandioso e profundamente social. »

O illustre critico e diplomata argentino Garcia Mérou ² escreve que « sus *Opalos* son uno de los libros más sugestivos de la literatura brasileira contemporánea, la revelación más clara de un talento refinado y original. La más característica de sus composiciones, la que muestra mejor todos sus dotes es la siguiente, desbordante de lirico entusiasmo » e dá-nos uma bella traducção em hespanhol da *Aguia Americana*. Fuera de

¹ *Poetas Brasileiros*, Porto, Livraria Chardron, 1895.

² Don Martin Garcia Mérou, *El Brasil Intelectual*, Buenos Aires. Félix Lajouane, Editor.

esta classe de inspiraciones la musa de Fontoura Xavier se complace en trazer sonetos de una factura meticolosa y algunos de los cuales merece reproducirse y elogiarse por el sentimiento poetico de que reboran sus estrofas. Leamos *El Gran Viaje*, e dá-nos outra bôa traducção da *Grande viagem*.

Louis-Pilate de Brinn Gaubast ¹ « ne conteste pas davantage, á M. Fontoura Xavier, esprit déjà plus sombre et foncièrement sceptique, sa science de versificateur, l'éclat de sa langue colorée, la vive sincérité de sa soif de justice, la grandiloquence d'enthousiame de plusieurs de ses poèmes, tels que *La Vieille Divinité (O velho Deus)* — c'est le soleil, — qu'il célèbre avec une piété toute nationale.

E' pena que o illustre poeta riograndense (creio que ainda não disse que Fontoura é do Rio Grande do Sul, da região do pampeiro destruidor) tenha produzido muito pouco, ² depois das *Opalus*. Basta, porém, esse livro de um alto valor esthetico; esse livro em que, em vez de plangentes elegias, que já não commovem, e românticos hysterismos, que irritam, se encontram, a par de elevados pensamentos sobre o mundo mo-

¹ Louis-Pilate de Brinn Gaubast, *La Poésie Brésilienne*, La Revue des Revues, Paris.

² Isto era verdade, quando se escreveu; depois, Fontoura Xavier tem produzido muito e tudo obras primas, que se encontram n'este volume.

ral e sobre as grandes questões sociaes da actualidade, satyras acerbias e vehementes libellos contra todas as tyrannias; basta esse livro, repito, para que o autor figure com pronunciado relevo na historia litteraria do Brazil.

Não obstante, entre as suas ultimas composições esparsas pelos jornaes, figura uma, o *Brinde*, que, sem receio de que me contestem, affirmo ser a mais universal de quantas se escreveram modernamente em lingua portugueza. Conheço d'ella traducções em francez, em allemão, em hespanhol, em italiano e duas em inglez: uma do soberbo poeta norte-americano Bliss Carman e outra do excentrico londrino baudelaireano William Watson, alem de varias illustrações, cada qual mais suggestiva, que a acompanham, quando de tempos em tempos ella apparece reproduzida nas revistas e *magazines* europeas. «Hoje, a musa do poeta das *Opalas*, escreve Arthur Azevedo, ¹ referindo-se ao *Brinde*, já não empunha um latego; é graciosa e serena; prefere a miniatura aos grandes pajneis de outr'ora. Ainda não ha muito tempo, Fontoura contou, em duas melindrosas sextilhas, na excellente *Revista moderna*, de Paris, uma historia de sapatos e sapatinhos, sufficiente para dar nome a um poeta.»

As suas poesias inglezas não são menos interessantes. No *Bookman*, de julho, revista que se

¹ Arthur Azevedo, *A palestra do "Paiz"*, 1898. Rio de Janeiro.

publica em Londres e Nova-York, encontro uma em que o poeta se impoz a si mesmo a difficuldade de compor em uma unica rima, e o caso é que, de tão expontanea e natural, quasi que não se percebe o *tour-de-force* da factura.

BABY'S TOAST

To Mrs. Strang

Some day,
 Not far away,
 I hope I may
 Shout, merry
 And gay,
 In this very
 Day:
 " Here is to the day
 That's the birthday
 Of my queenly Fairy
 Godma,
 Hurrah! „
 And as I say
 So, merry
 And gay,
 I will change and pray,
 In the same way,
 In this very
 Day:
 " My Lord, I pray,
 Give my queenly Fairy
 Many happy returns of the day. „
 And then — Hurrah!
 I will have my way
 To shout as I say,

In the same way,
 In this very day :
 " Here is to Godma,
 Long live Godma,
 Three cheers for Godma :
 Hurrah !

Hurrah !

Hurrah ! „

O conhecido critico Aldrich fala-nos dos seus pequenos poemas inglezes: ¹ « Mr. Henry James once characterised Aphonse Daudet as a *great little novelist*. Mr. Fontoura Xavier is a great little poet. The brevity of his poems, for he wrote nothing *de longue haleine*, would place him among the minor singers; his workmanship places him among the masters. The accurate touch of the artificer in jewels and costly metals was one of the gifts transmitted to Mr. Fontoura. Much of his work is as exquisite and precise as the chasing on a daggerhilt by Cellini; the line has nearly always that vine-like fluency which seems impromptu, and is never the result of anything but austere labor. The critic who, borrowing Milton's words, described these carefully wrought poems as « wood notes wild » showed a singular lapse of penetration. They are full of subtle simplicity. Here we come across a stanza as severely cut as an antique cameo—the stanza, for instance, in which the poet speaks of his lady-

¹ " *Evening Post* „ — New-York, Nov. 10th 1902.

love's « winter face »—and there a couplet that breaks into unfading daffodils and violets. The art, though invisible, is always there.

Entre as suas inspirações modernas de certo não se perderão no olvido a *Aguia americana*, a *Venus de Washington*, *Estrophes a Baby Mee*, *O Pagem*, *As montanhas*, as *Catáratas do Niagara*, *Spleen de Baudelaire*, *El Dorado de Poe*, e a *Caravana Espectro*.

Ia-me esquecendo de falar dos *triolet*s de Fontoura Xavier. Imperdoável falta seria, porque os *triolet*s concorreram muito para a popularidade do poeta das « Opalas » Foi Fontoura Xavier quem vulgarizou no Brazil essa fórmula phantasiada do verso, muito em voga em França no século XVI e resuscitada modernamente por Théodore de Banville.

Fontoura levou ao maior apuro a factura do « triolet », evitando, com admirável habilidade, que se lhe percebesse o esforço de composição.

Aqui vão alguns como amostra :

AO POETA SILVESTRE DE LIMA

Ai ! que perfume de lima !
 Ai ! que perfume silvestre !
 Até me provoca a rima . . .
 Ai ! que perfume de lima !
 Dize, Silvestre de Lima,
 D'onde este cheiro, Silvestre ?
 Ai ! que perfume de lima !
 Ai ! que perfume silvestre !

PROLOGO DOS "CLOWNS",

Saltem os "clowns", empoados,
 Batendo os guizos da rima!
 Gwinplaines sarapintados,
 Saltem os "clowns", empoados!
 Metros desarticulados
 Pelo exercicio da esgrima,
 Saltem os "clowns", empoados,
 Batendo os guizos da rima!

IXORA

Depois de cheiral-o bem,
 Um fabricante opinou:
 Não ha no mundo ninguem,
 Depois de cheiral-o bem,
 Que creia existir alguem
 Que vença n'isto o Pinaud:
 Depois de cheirar Lubin,
 Um fabricante, o Pinaud.

Foi na satyra que, principalmente, Fontoura Xavier empregou o *triolet*, obtendo effeitos terriveis. para os satyrisados.

Esses *triolet*s satyricos, entre os quaes ha verdadeiras obras primas, só mais tarde poderão reaparecer.

No seu livro *Notas e ficções*, Affonso Celso faz esta referencia ás *Opalas*:

« Dedico esta confidencia ao meu caro Fontoura Xavier, não tanto em homenagem á velha e immaculada amizade que nos une, como por que

elle é o poeta das *Opalas* — o fino artista que consegue apprehender umas *nuances* indefiníveis de raros sentimentos e as sabe concretisar em poemas subtis, ricos de singulares palpações...»

Quando em 1884 appareceram as *Opalas* (ed. hoje esgotada, dos livreiros Carlos Pinto & C.^a de Porto Alegre), o grande poeta Luiz Delphino saúdo-as com este bello soneto :

Poeta, és como Encelado caído
do céu, sob as montanhas fulminado!...
Retine o ferro ás mãos do condemnado;
ouve-se o canto do metal batido.

Movem-se os montes; o Titan, ferido,
é sobre a terra e sobre o mar lançado:
na sombra, esse phantasma do passado
entalha o pé de sangue humedecido!...

E' uma velha esqualida e devassa
a geração que a nossos olhos passa,
amamentada aos scios d'uma escrava;

para levar essa carcassa á cova,
quer-se que beba a geração mais nova
em vulcões como tu, nadando em lava!

Estes soberbos versos são o fecho de oiro
que eu podia desejar para o meu pobre trabalho.

VISCONDE DE S. BOAVENTURA.



MUSA LIVRE



*Sonhei-a no pó das praças,
Visão ou nuvem -- saudei-a.
Gonfaloneira das raças,
Sonhei-a no pó das praças.
Medéa, á frente das massas,
Na mão o facho da Ideia,
Sonhei-a no pó das praças,
Visão ou nuvem - saudei-a.*



MUSA LIVRE

Eu adoro-a depois... no epilogo da lucta,
Quando, cheia de febre, apparição da taça!
Ella surge entoando uma canção devassa
Como as deusas pagans, a druydica polluta!

E, cahida a seus pés, a multidão que a escuta
Julga ouvir a mulher, a cortezan da praça!...
Orgiaca infeliz! a turba, inerte e lassa,
Desconhece a visão, sublima a prostituta

Eu, não! quando em delirio aquelle vulto assoma,
Aos hombros sacudindo um turbilhão de coma,
E chocam-se os crystaes como armas em batalha,

—Deslumbra-me o phantasma anthartico da Wille!
Sonho a plebe a rugir a musica de Lisle
E saúdo em Marion a musa da Canalha!...

TIRADENTES

Não vêdes, muito além, pelo dormir das éras,
Um vulto de titan coroado de esferas,
Um oceano que dorme ás plantas d'um vulcão ?

Sabeis-lo, é sobre a historia. Horrendo como o Douvre,
Abrigo do trocaz e antípoda do Louvre
O rochedo de luz chamou-se — Convenção.

Quando a Revolução — o espectro de Gorgona! —
Alou-se desse abysmo e appareceu á tona
Calcou-lhe desgrenhada o tragico sopé...

O mar como Saúl irava-se nas harpas,
As ondas em roldão varreram-lhe as escarpas
E a deusa resurgiu no pincaro — de pé.

Sorriu: como que o sol pairava sobre o monte;
Tingiram-se de sangue as fimbrias do horisonte
E o mundo ouviu, tremendo, a trompa de Galaar....

No centro do vulcão, como uma forja acesa,
Mil boccas de clarins cantando a Marselheza
Sopravam nos siphões electricos do Mar.

Era horrivel de ver-se o monstro enfurecido,
Heroico, marcial, esplendido e ferido,
Bramindo de feroz, rasgando-se de dôr...

Quando a vaga descia essa eminencia estranha
Formava a legião: chamava-se — *Montanha,*
Gironda, Cordeliers, — phantasmas do *Terror.*

E marchavam, então, tomados de furores,
Batendo nos fuzis, rufando nos tambores,
Desfraldando pendões, cantando o *Ça-ira...*

A grande aparição, medonha, illuminada,
Parecia emboccar a tuba immaculada
Do archanjo convocando ao valle *Jogaphat.*

Era em meio a tragedia; Ella só, sobre o palco,
Como a grande inscripção de um grande catafalco,
Rasga a pedra a cinzel e lê: *Noventa e tres...*

Entre bravos da plebre e braçadas de flôres,
Na febre do delirio, os craneos dos actores
Juncaram-lhe a ribalta — excentricos *bouquets!*

Foi quando *Elle* surgiu. No cimo da cratera,
Rodeada de fogo, a Deusa estremeceira
Se visse aquelle espectro em frente de Paris...

Elle tinha accordado á sanha da Leôa,
Muito embora de longe, ergueu-se, saúdou-a,
Que a fronte resvalou na tunica da Actriz.

Era cedo, talvez. Mas que barreira ingente
Iria oppôr-se á lava, á lava incandescente
Quando a chamma aterróra á guela do vulcão?

Que braço de colosso ou peito sobre-humano
Iria impôr silencio á bocca do oceano
Quando o visse rugir, rugir como o leão?...

Justiça, ó boa mãe! no julgamento extremo
Tu nunca lançarás o anathema supremo
Como um labéo de morte á face dos heroes...

Descerra o Pantheon, acende o alampadario
E leva aquelle morto ao fóco planetario
Dessa constellação phantastica de sóes.

O VELHO DEUS

Sumiu-se a noite, a negra taciturna,
 Illuminou-se o ar ;
Lá vem o sol como um leão da furna
Descrevendo a parabola diurna
 Aos rythmos do mar !

E's o mesmo das éras triumphantes,
Quando entravas nas furnas que eram casas,
E zurzias o dorso dos gigantes
 Com raios flammejantes
Como styletes de crystaes em brazas ;

Quando á tarde pairavas pelos montes,
Rubro e sangrento como vens aos tropicos,
Espadanando luz nos horisontes
 E bebendo nas fontes
Tintas de sangue dos heroes cyclopicos.

Nós, sim, não somos d'essa raça inteira
Que, n'um templo mais vasto, no infinito,
Sagrava-te aos clarões de uma fogueira
À divindade unica e primeira,
O Jehovah do rito;

Filhos bastardos de titans immensos,
Fizemo-nos tão grandes, tão atheus,
Que mal ascende o fumo dos incensos
Julgamo-nos suspensos
Além dos mundos tacteando Deus.

Ha não sei quantos seculos agora
Que te fecham a porta as cathedraes;
Quem quizer adorar a tua aurora
Precisa vir cá fora,
Que de ti nem se falla nos missaes,

Até hoje os teus raios aos milhares,
Como guerreiros mudos,
Cahem contra esses templos seculares
E saltam pelos ares
Como laminas d'oiro contra escudos.

Pudesses penetrar n'aquelles muros,
Como um anjo da guarda,
Batendo a revoada dos auguros
Como se faz em fôjos mais escuros
A tiros de espingarda!...

Elles lá pairam feros, esfaimados,
Junto ao cadaver que cahiu no horto,
Retalhando virtudes e peccados,
Como um bando de córvos agachados
Sobre um cavallo morto.

E se é certo que partem ao mendigo
Inda o pão de Jesus,
Tambem deviam commungar contigo,
Que ha não sei quantos annos, velho amigo,
Lhe multiplicas luz.

Já vi surgires ao romper do dia
Batendo n'uma porta,
Que a lufada da noite intensa e fria
Persequira bramindo, — e ali jazia
Uma creança morta!...

Sempre tens um pedaço do teu manto,
Um farrapo de luz para a miseria!
E eu nunca vi a purpura de um santo
Enxugar um só pranto
Ou cobrir uma chaga deleteria!!

MASSAS DE BRONZE

(A LUIZ DELFINO)

Não foram dois heroes mas foram dois chacaes!
Fizeram-se no tempo em que uma tyrannia
Co'a descárnada mão da morta monarchia
Esbofeteava a Lei nos fôjos imperiaes!

Eram dignos um d'outro os miseros rivaes:
Emquanto um, menos nobre, á infamia se vendia
O outro, Judas vil, as suas leis trahia
Roubando uma corôa á frente de seus paes!...

Hoje, feitos de bronze e erguidos pelas praças
Para gloria dos reis e insulto ás populaças,
Um — cospe desdenhoso escarneos á Nação;

Emquanto, sobre o pó do funebre banquete,
Outro — tenta apagar co'a pata do ginete
A luz da liberdade e a sombra d'um Catão!

Rio de Janeiro.

ORPHÉE AUX ENFERS

Subia o panno acima. A musa da alegria
Iluminava o rosto á prasenteira *claque*,
E deuses e vestaes da morta theogonia
Vinhã dançar em scena aos cantos de Offenbach.

Ao despedir a orchestra as notas delirantes,
Borrados arlequins lascivos como Pan,
Nos braços – espiraes d'um grupo de bacchantes
Saltavam, sem pudor, na febre do can-can.

Era a satyra viva, a satyra pungente,
Levada no delirio aos baixos entremezes,
Expondo ao riso alvar da geração doente
A crença dos fieis dos fabulosos deuses.

Então esses heroes divinos das florestas,
Outr'ora adoração e crença dos pagãos,
Tornavam-se truões que em delambidas festas
Viviam de espancar o tedio dos christãos.

E as grandes ovações áquelles decahidos
Traziam-me á lembrança o barbaro selvagem,
Que vinha sapatear na tumba dos vencidos
No campo onde travara o prelio da carnagem.

Podeis dormir em paz, ó legião sagrada!
O' Jupiter, Plutão, titans da fé pagan!...
E como tudo marcha ás solidões do nada
Inda ha de rir de nós o crente de amanha.

AVE, ITALIA!

A proposito da morte de... ^{6.º} M.

(A LOPES TROVÃO)

I

Quando a patria dos Cesares devassos
Surgia á luz, das epochas lendarias,
Rojando pelos tumulos dos párias
Os frouxos membros lassos,

Pejava o ar um manto de negrume:
As Déboras previram sobre Roma
O biblico castigo de Sodoma,
A chuva de betume.

O réprobo das gentes,
O diabo, cheio d'um terror titanico,
Velou-se como os Néros impotentes
Nas purpuras do panico!

Foi quando, á voz de Deus e do Direito,
Naquelle enorme temporal desfeito
 Vibraram contra a Italia,
Como o guante sinistro do passado,
 A hybrida sandalia!

Ao écho desse golpe subitaneo,
A Italia, como um corpo esquartejado,
Boiava á flôr do mar Mediterraneo.
A santa marinagem da Judéa
Acorrentara a não do Despotismo
 A's ancoras da Idéa.

Iluminou-se a terra – o fundo abysmo!
Os regulos das novas Escripturas,
Para acalmar a sêde da Sciencia,
Applicaram ao sabio visionario
– O Colombo incessante das alturas –
Um jorro d'agua benta na consciencia!
E a prédica dos *martyres* aos crentes
Explicava o systema planetario,
Ao brilho amortecido dos pingentes,
Pelos *sete-mysterios* do rosario!

Deus! o vago ideal da Humanidade,
Por quem os grandes cerebros profundos,
Armados da Sciencia e da Verdade,
Interrogavam pelagos de mundos,
Veio á luz como um misero mostrengo,
Expor-se ao guiso, á chança dos ridiculo,
Ao toque indecoroso nos testiculos
 De um torpe camerlengo!

Pela face do mundo espanejára. . .

... Escarneo dos destinos !
Os baculos, as mitras, a thiara,
Pelas línguas brunidas das espadas,
Soletavam os códigos divinos,
Dictando leis ás gerações passadas !

E a Humanidade, como um martyr novo,
Vinha de Roma, do covil do vicio,
Sob o cadaver livido d'um povo,
Tropega vil, a passo mal seguro,
Aos magicos clarões do santo officio,
Ao verbo flammejante do papado,
Bater á negra esphinge do futuro
— Inexoravel tumulo cerrado !

Ao desfilar aquelle grande enterro
O sol da Redempção erguido a pino
Vibrava raios nos covis do Erro,
Como espadas polidas d'aço fino.

A Italia, como os pallidos dormentes,
Incendidos os animos convulsos,
Ergueu-se livre estortegando os pulsos,
E fundidos os ólos das algemas
Tombaram como laminas candentes
Sobre a fronte dos santos diademas !

II

Padres! vamos! dizei-*lhes*... á Canalha,
Que inda tendes as armas de batalha:
Uma cruz erigida sobre o solio,
Água benta das pias no recésso!...
—Crucifiquem o despota—Progresso,
—Afoguem o facinora—Petroleo!

A bronzea bateria do Axioma,
Assestada de ha muito contra Roma,
Deitou por terra o dogma do mysterio!
Justiça! empunha a lamina bemdita,
Grava no azul da abobada infinita:
Parce sepultis, Cesar megatherio!

As almas do peccado sanguinarias,
Já se não banham—torpes alimarias—
Nas aguas milagrosas da Piscina.
As Crenças, como as aves foragidas,
Retomaram o vôo das ermidas
Para os vastos solares da Officina!

As cathedraes tristonhas, solitarias,
Semelham grandes urnas funerarias
—Hyperboles da morte triumphantes!
Onde o bronze soturno dos vencidos
Prantêa, em côro amargo de gemidos,
Uma phalange morta de gigantes!

Silencio, mochos lugubres do Erro!
Além assoma o cyclope de ferro,
Cheio de cantos ennuclando o espaço!...
Dir-s'ia que o Progresso temerario
Responde ao vosso chôro mortuario
Co'as vibrações de uma *ironia d'aço!!*

O Maëlstron das novas theorias,
A fervilhar em coleras sombrias,
Rasga a fauce sedenta de naufragios!...
— Borgia, salva a baixella dos altares
E bebamos, senhor dos lupanares,
A' saude dos ultimos Pelagios!

A tortura das práticas divinas
Dorme o somno pesado das ruinas!...
Ergue-te enfim, ilota! populaça!
Talha o lucto nas chlamydes sagradas,
Entôa o *dies-iræ* das ossadas,
Além é mais um feretro que passa!

Soou-te, enfim, a hora da vingança!
O prestito dos Cesares avança
Já no termo da grande trajectoria...
— E o cadaver senil da monarchia
Ahi vem caminho da mansão sombria
Do necroterio tábido da Historia!

FIAT LUX!

Sua magestade, a rainha de...
matou um coelho.

(Correspondencia da Europa)

Assombro!... O mundo velho, o tropego devasso,
No extremo agonisar se viu, de espaço a espaço,
Curvado para o chão, batido pela dôr,
Mandar ao mundo novo um grito de terror!
A musculosa mão da féra tyrannia
Guiava contra a Servia a garra da Turquia.
A França enfileirava os grandes esquadrões
Para bater em tempo enormes legiões
Postadas, ferro em guarda, ás portas d'Allemanha.
Dom Carlos, um bandido, erguia-se na Hespanha.
De Roma imprecações partiam para os ceus.
Cheirava a sepultura o successor de Deus.

O baixo poviléu, ao som de martelladas
Erguia contra os reis immensas barricadas.
A Lei era a Cora coberta de ouropéis,
Mercadejando o corpo a troco d'uns mil réis.
A honra, a consciencia, a moda dos banqueiros
Não eram muito mais que uns falsos moedeiros.
O juro, as inscripções, a praça, os capitaes
Dormiam com os reis em grandes bacchanaes.
A imprensa e a tribuna, as artes e a Sciencia
Iam atraz da lei, da honra e da consciencia.
Vinha tragar a terra esta panthera—o Mal.
A Ordem tinha herdado um catre no hospital.

E o mundo velho assim em convulsões enormes
Mandava ao mundo novo uns gritos desconformes!
Mas quem diria?!... Assombro!! um coelho e nada mais
Foi-lhe restituir a sua antiga paz!...
Abençoado seja aquelle santo dia!

A Magestade, emfim, fez bem a pontaria.

BRINDE

Eu bebo á manhã de amores,
Manhã em que os meus sapatos
E os teus *mignons* sapatinhos,
Os teus cobertos de flôres,
Os meus cobertos de lama,
Lama e flôres dos caminhos,
Encontraram-se juntinhos,
Pisando na mesma grama.

E bebo á noite de amores,
A noite, em que os meus sapatos
E os teus *mignons* sapatinhos,
Os teus cobertos de flôres,
Os meus cobertos de lama,
Lama e flôres dos caminhos,
Encontraram-se juntinhos
Debaixo da mesma cama . . .

JUNTO DE UM MORTO

(A AFFONSO CELSO)

Tudo é baldado, tudo, inteiramente tudo!...
Apostrópho, interrogo, exaspero-me, grito,
Vou da areia ao abysmo e da vaga ao granito,
Tudo é silencio e paz, tudo é sinistro e mudo!

Vou, remonto-me ao Cháos, á Chaldéa, ao Egypto,
Ao sarcophago, á esphinge... estudo, estudo, estudo...
Mas a pedra, o papyro, a sciencia a que alludo,
Ninguém, ninguém me diz onde existisse o mytho!...

O Olympo inteiro é morto. O ar, a terra, o fogo...
Tudo que sinto e vejo, interpello, interrogo...
E' morto o grande Zeus!...

Vae tacteando na lucta a consciencia humana!
- Morto, tu que desceste ao golfão do Nirvana,
Responde: achaste Deus?!...

EL-REI CARTAPHILO

(A URBANO DUARTE)

Cartaphilo da lenda,
Lançaram-lhe não sei que anathemas enormes
Que elle anda toda a vida a errar de senda em senda
Cingido fielmente á letra da legenda,
Como o judeu de Worms.

O mundo boquiaberto,
Vê passar a correr esse lépido bipede...
Mas, devóre um oceano, atravesse um deserto,
Sempre em volta de nós ou mais longe ou mais perto
O Cesar-velocipede!...

— Intérmino pampeiro,
Se procuras a Mob do reprobado maldicto,
Do caminho a seguir não é esse o roteiro,
Segue além... muito além, na estrada do infinito,
O' regio forasteiro!...

A MORTE DE GÉRARD DE NERVAL

(A ANNIBAL FALCÃO)

Qui sait si le noir plumage de l'oiseau, son cri funèbre, le nom patibulaire de la rue, l'aspect épouvantable du lieu, ne parurent pas à cet esprit, depuis si longtemps en proie au rêve, former des concordances cabalistiques et déterminantes, et si, dans l'âpre sifflement de la brise d'hiver il ne crut pas entendre une voix chuchoter : C'est là !...

Th. Gautier. — GÉRARD DE NERVAL.

Num becco da cidade, onde o vicio transborda
Como de vasa immunda o lixo da sentina,
Foi que elle amanheceu, pendente de uma corda,
Suicida, enlaçado ao lampeão d'uma esquina.

Ninguem se apercebeu do morto macilento
No centro de Pariz, esse mundo tamanho,
E o cadaver passou toda a noite ao relento
Oscillando ao lampeão como um pendulo estranho.

Tinha branco de neve o chapéo na cabeça
Como um largo *abat-jour* á fronte embaciada,
E cobria-lhe a lingua uma camada espessa
Como a ferrugem cobre a folha d'uma espada.

Envolvia-lhe o corpo inerte, inanimado,
Como um flóco subtil, um sudario de neve...
Veio um corvo abatendo o seu vôo pausado
E poisou no chapéo, amassando-o de leve.

A *chimera* roaz do seu melhor soneto
Não fôra receber-lhe o derradeiro alento,
Quem sabe o que queria aquelle corvo preto
Que appareceu grasnando o primeiro *memento*?

E Nerval parecia o espectro flammejante
De um canto de ballada, um cavalleiro antigo,
Armado ponto em branco, o elmo radiante,
Esqualido, de pé, na guarda do inimigo!...

Parecia mais bello : em *crêpe* de neblinas
Era como os heroes dessas lendas do norte,
Que, nos lagos azues povoados de ondinas,
Aportam do paiz nostalgico da morte!...

Acordou-se Pariz e estateiou absorto
Em frente áquelle novo e tragico spectaculo...
O corvo esvoaçou : reconhecido o morto,
O povo poz-se a rir do membro do *Cenaculo*!

Ah! quando elle espraçou-se em seu vôo sèreno,
Desfez-se o encantamento — o negro capacete . . .
E foi porque lembrou-lhe um paladim do Rheno,
Que a França poz-se a rir do interprete de Goethe!

MONOLOGO DE UM SCEPTICO

(A MARIANO DE OLIVEIRA)

Deus, retira-te ! porque desde hoje
emancipado do receio de ti e tornado
sabio, eu juro, com a mão estendida
para o céu, que tu não és mais do que
o carrasco da minha razão, o espectro
da minha consciencia.

Proudhon.

Cerrei de todo á luz as portas do meu craneo !
Se as abro a um pensamento, invade-me um *senão* ;
Assim, que exista lá, como n'um subterraneo,
Uma lanterna só . . . que seja-me a Razão ! . . .

Nós não tememos nada ! Entanto, subitaneo,
Da treva em que elle jaz, do horror da escuridão,
Póde assaltar-nos sempre esse *Nada* titaneo,
Chumbar-nos as polés — Remorso — Expição ! . . .

Quando adormeço um pouco eu tenho horror ao somno ;
Eu sei que aquella luz esvae-se no abandono,
Que já se foi assim a mais de mil atheus ! . . .

Razão! pensar que tu te vaes ! . . . desamparar-me ! . . .
Ah, nunca ! . . . Em guarda ! em guarda, ó meu fiel gendarme !
Não quero que penetre esse sophisma – Deus ! . . .

POMPILIO DE ALBUQUERQUE

Paladino da luz ! o verbo do regaste
Ha de em breve soar na arena do combate;
E teu nome que vem dos carceres do crime
Oh ! talvez não encontre a tuba que redime
Os vencidos da morte. A pagina-epopéa
Desconhece os heroes das Tavolas da Idéa...
Mas teu crime qual é?... Tua sombra o que deseja?...
Combateste o poder do Cesar e da Igreja...
As ameias do Erro — a indomita muralha —
Escalaste-a, cantando os hymnos da Canalha...

Cahiste, como um bravo, ás portas do Futuro.
Descansa ! E' já de mais, ó martyr obscuro !...

A' GUERRA!

A vossa santa paz, ó cesares da guerra,
 Enfada a multidão;
Ha muito não saudaes a evolução da terra
 A tiros de canhão!

Mandae desentupir, ó reis, essas casernas
 Ao brado de marchar! . . .
Elles vivem sem nome a vida das tavernas,
 Se esqueem de matar.

Os velhos generaes não sonham a victoria
 Nem pensam no porvir. . .
Mandae-os despertar pelo clarim da gloria,
 A' grita — destruir! . . .

Sabeis, esses heroes das vastas esplanadas
Precisam de viver,
E como conseguil-o, ás lanças e ás espadas
Não dando de comer?...

De mais vai tropeçando á tumba do passado
O sec'lo colossal,
E faz-se necessario o ensaio antecipado
De um grande funeral!

O sec'lo do vapor, do Cenis, da metralha,
Do Krupp e do Suez,
Não póde sepultar-se aos gritos da Canalha,
Como qualquer burguez!...

A falta de estrugir de canticos de guerra
Assombra a geração!...
Vamos! illuminae a evolução da terra
A fógos de canhão!...



ADEUS

DA ACTRIZ APOLLONIA A' PLATÉA DO RIO DE JANEIRO

Vós deveis conhecer os bolgias subterraneos
Que a hyperbole do sonho — Alighieri narra . . .
Pois bem, imaginai um oceano de craneos
E sobre elle um batel que despedaça a amarra.

Muito embora da morte o pelago maldito,
Uma Sombra fatal traçou-lhe a negra rota . . .
Pouco importa onde vai; partisse de Cocytho,
Desça as aguas do inferno, — é segura a derrota.

N'esse abysmo medonho, onde as almas revoltas
Confrangem-se bramindo as coleras do horror,
Córpos, boccas crueis, ás escancaras soltas,
Estorcem-se raivando em convulsões de dôr.

Continuo cataclysmo agita-lhe as entranhas . . .
Gritos, imprecações, pela soidão deserta,
Descem nos vagalhões, que vão como montanhas
Sobre a fauce do monstro horrivelmente aberta!

Espectaculo horrendo! Em ondas de negrume
Rolam nuvens no espaço, onde uma luz não brilha!
E a marinhagem só; sob um céu de betume!
E as ondas d'esse mar a rebramir na quilha! . . .

O caminho do nada, as eternas viagens,
D'esse enorme albatroz na vaga que escabuja,
Conheço aquelle céu, adoro essas paragens,
Guie a Sombra o batel, tambem sou da maruja!

O' multidão convulsa! em teu rugir eterno
Sinto as notas de horror que esse abysmo desfere!
O oceano da gloria, o oceano do inferno
Gerou-os um só Deus: - Satan ou Alighieri!

Ah! que eu te sinta sempre o rugido das vagas,
N'este, n'outro, n'aquelle. . . em qualquer horisonte!
Não me olvides a mim que te abandono as plagas
Atirando um *adeus* como um ob'lo a Charonte!

Errata

Pag. 34 — *Onde se lê :*

D'esse enorme albatroz na vaga que escabuja,

Deve lêr-se :

Visse embora albatroz na vaga que escabuja,

CARVALHO JUNIOR

Um instante, coveiro! o morto é meu amigo,
E como vês cheguei para dizer-lhe adeus;
Depois podes leval-o, a Satanaz, contigo,
Que sei que não pretende a salvação de Deus.

Eu descuidei-me, sim; nós davamo-nos muito!
Ha mezes abracei-o e nunca mais o vi...
Alguem, quem quer que seja! aproveitou o intuito,
Matou-o em minha ausencia e trouxe-o para aqui.

Vim despedir-me d'elle... (Escuta-me, primeiro.
Tu debes conhecer os mortos que aqui somes;
Muitas vezes Hamleto — a duvida, coveiro,
Visita este lugar interrogando nomes.

Estuda esta cabeça, o príncipe ha de vê-la ;
Repara bem, é loura, esplendida, á Van-Dick !
Pois bem, gasta a mortalha, então roída a tela,
Não tomes Baudelaire por um jogral — Yorick !).

Vim despedir-me, pois ! A morte já começa
A martellar caixões na porta dos atheus !...
Sentido, batalhões ! cahiu uma cabeça...
Que importa uma victoria ás legiões de Deus ?...

A GRANDE VIAGEM

Eis-nos em alto mar, a todo o panno!
Mas onde vamos nós e quem nos leva?
Que escuridão é esta d'esta treva,
Que turva as ondas d'este negro oceano?...

E mais e mais se alonga esta jornada!
E diante de nós nem uma vela,
E por cima de nós nem uma estrella
Nos allumia o Maelstron do nada!...

E todos perguntamos:— d'onde viemos?...
Os corações mergulham como sondas,
A marinhagem fita o céu e treme!

E vamos, vamos! nada mais sabemos;
Senão só que nos guia n'estas ondas
A morte—o capitão que vai ao leme.

Um brilhante é um brilhante, embora ao pó calcado,
Como o pó sempre pó embora ao céu alçado.

REVOLTA DO TUMULO

A TERRA (*ao aproximar-se um cadaver*)

E ter de abrir minhas entranhas
Para guardar este tyranno!...
Ah! que eu não possa, accesa em sanhas,
N'um grande esforço soberano,
Erguel-o acima das montanhas
E arremessal-o no oceano!...

O OCEANO (*aparte*)

Tão prompto caia
Sobre meu dorso,
Que eu, sem esforço,
CUSPO-O NA PRAIA.

A AGUIA PELLADA

Por toda uma extensão de céu, de mar e terra,
Por toda uma extensão que vae de oceano a oceano,
E vae do Mississippi até Nova-Inglaterra,
A aguia pellada enverga o vôo soberano.

Tem a cabeça branca e despida de plumas,
Mas longa na envergura a penna de remigio,
Que é o sceptro do espaço. Inda assim como algumas
Não tem c'roa real: cinge o barrete phrygio.

Sobranceira a tufões, impavida a cyclones,
Ella passa affrontando ora a furia dos mares,
Ora de serra em serra o mais alto dos cones,
Batendo intemerata em demanda dos ares.

E sóbe, sóbe, sóbe... apoucam-se no fundo
O valle, o monte, o lago, urbes e esterquilinios...
Sóbe inda mais... mas vae quasi a roçar num mundo,
Quando pára e contempla os seus vastos dominios.

Jamais tu sob o sol, altiva aguia marinha,
Destendeste como ella as longas azas grandes ;
Nem vós, urubitinga, aguia da serra alpina,
Aguia mongol . . . nem tu, condor — aguia dos Andes ! . .

Contam que um dia assim em que subio devéras,
O raio de uma esphera abrasou-lhe a pupilla :
Ella então arrancou os raios ás espheras,
E enfeixados os tem sob a garra tranquilla.

Certo, pois, não foi ella esse abutre inhumano
Que roeu n'uma rocha o ventre a Prometheu ;
Nem essa que imperou sobre o mundo romano
Algemada ás legiões de Cezar e Pompeu.

Grandipotente, altiva e heroica, porém nunca
Carniceira e feroz aguia que se não doma,
Nem foi ella que outr'ora, alçando a pata adunca,
Com Attila cruento abateu sobre Roma.

Aguia emblema da paz, não vem tambem da prole
D'essa outra que se ergueu sobre os bancos do Senna,
Flammejou em Wagram, descahio para Arcole
E ferida abateu o vôo em Santa Helena.

Ail ella não baixava á terra do horisonte,
Como essa que, ao rugir da espessa canhonada,
Tremulando adejou de Wellington na frente,
E vencida afinal passou-lhe sobre a espada.

Aguia que jamais vil despojo opimo empolga,
Tambem não vem de vós, ó negra da Teutonia,
O' Jano do Danubio, ó bifronte do Volga,
O' branca, immaculada e morta da Polonia ! . . .

Jamais tu sobre a terra, altiva aguia marinha,
Destendeste como ella as longas azas grandes ;
Nem vós, aguia bretan, aguia da serra alpina,
Aguia mongol... nem tu, condor—aguia dos Andes!...

Aguia para abrigar um pavilhão guerreiro,
Ah! quem me déra ter-te, altiva e soberana,
Desfraldada aos tufões sob o céu do Cruzeiro,
Imperando no mundo, ó aguia americana!...

1890.

PHILOSOPHIA

Uma vez, no deserto, olho vesgo nos ceus,
Vi um bipede aos brados :
" O' Deus !

O' Deus !

O' Deus ! . . . „

Depois, como ninguem respondesse aos chamados :
" Qual ! não existe Deus. „

AS CATARACTAS DO NIAGARA

As florestas, em renques destendidas,
Quedam-se ao longo, de terror tranzidas,
Como assistindo ao desabar de um mundo,
Quando o Niagara, ululando aos roncós,
Precípíte, colérico, iracundo!
Passa, minando-lhe'os, robustos troncos.

As montanhas e as selvas seculares
Pasma escutam-lhe o troar dos mares,
De quéda em quéda, longe reboando.
E além das selvas, na amplidão vibrada,
Co'a matilha dos ventos atrelada,
Passam, ao largo, os cyclones rosnando.

Pairam no ar as aves espalmadas...
As neblinas destendem-se esgarçadas
Pelas copas das arvores gigantes...
As catadupas sobre os sorvedouros
Rolam, estrugem n'um bramar de touros,
Despedaçam-se, vão-se espumejantes...

Fervem, desabam os cachões de espuma...
As nuvens accumulam-se uma a uma
Descendo pelas horridas voragens...
E vê-se ao fundo, no horisonte immersa,
Fugindo célere a bramir dispersa,
Uma tribu de bufalos selvagens!...

Páro em frente do abysmo revoltado,
E parece-me ver o Corcovado
Com o Amazonas suspendido aos hombros,
Grande! tentando o derradeiro esforço,
Ceder, a despejar de sobre o dorso
Todo este enorme turbilhão de assombros!...

Estas grandezas, sim, que são da America!...
Tão magestosa, esplendida e feérica,
Só ella as póde conceber tão grandes!...
Ao sul — os Andes... Amazonas... Pratas...
Para o norte as immensas Cataractas
Como um oceano a despenhar dos Andes!!

CAUSA

“ Que te fiz eu, dizia uma parede a um prego,
Que me enterras o dente e me furas por nada? ”
E o prego: “ Que sei eu, tola? sou como um cego;
Pergunta a quem me racha a cabeça a pancada. ”

SALVE, CESAR !

Saúde, Rei e Imperador, saúde!...
Soberano de um seculo ou de um dia,
Já no throno da morte, o ataúde,
Para dormir o somno derradeiro,
E' por elle que chora o mundo inteiro!
E é por elle que brama a artilharia!...
Salve, Cesar na morte e rei na dor!...
Salve, Cesar no throno e na agonia!...
Saúde, Imperador!...

Quando a primeira vez o mundo o vira
Era em Sadowa, sobre as esplanadas:
Entre o rumor convulso das batalhas,
Ao fuzilar dos raios das espadas,
Em *mise-en-scène* rubra de pelouros,
Elle passava impavido entre as alas,
Sob uma espessa abobada de balas,
Coroadado de louros!...

Depois, era em Sédan; a França altiva
Vira do Corso a gloria despertada
Clamando rediviva *urrahs* a Fritz!
E as aguias de Marengo e de Austerlitz
Pousaram-lhe na espada!...

Dorme agora no somno derradeiro,
E é por elle que brama a artilharia,
E é por elle que chora o mundo inteiro!...
Salve, Cesar, no throno e na agonia!
Salve, Cesar, na morte e rei na dor!
Salve, Cesar, saúde, Imperador
Frederico III!...

1888.

ELEGIA

Exultem os atheus
Da seita que de ha muito a turba exhorta
Proclamando *urbi et orbi* a poesia morta,
E' morto João de Deus!

12 de Janeiro de 1896.

LENDA ARABE

O chefe Ben Adhem (Para sempre bendita
Seja a tribu de Adhem pela santa Mesquita,
Segundo o ritual dos arabes) dormia,
Cansado do labor fatigante do dia,
Quando acorda alta noite, e vê um Anjo perto
De sua cama, com um livro de ouro, aberto,
Onde attento escrevia.
O chefe Ben Adhem que, sonhando ou desperto,
Jamais se acobardára em luta no deserto,
Não ia apavorar-se agora do que via ;
Assim, como se visse e falasse a um dos seus,
Voltou-se e perguntou ao Anjo o que queria.
“ Registro neste livro os que adoram a Deus „,
O Anjo respondeu-lhe. E o chefe Ben Adhem :
“ Então, meu nome deve estar ahi tambem „.

" Não está „. E Ben Adhem :

" Pois bem, inscreve-o antes

" Entre os que, mais que a Deus, amam seus semelhantes,
Aos homens, meus irmãos. „ O Anjo assim o fez

E desapareceu.

 Mas voltou outra vez,

Desta vez sob a luz de uma aureola rara,

Trazendo, o mensageiro,

Os nomes dos fieis que Deus abençoára ;

E Adhem olhou e leu. . . Seu nome era o primeiro.

B A T T A G E

Toda a raiva do Mar, ira e colera, em summa,
Não passam da expansão de um grande *bluff*, espuma.

RELIQUIA DE MAHADURA

No templo de Mahadura existe este thesouro,
Dadiva dos fieis : um par de botas de ouro,
Obra acabada e feita a capricho ; além d'isso,
Acolchoadas de lã, de ouro fino e macisso,
São, numa redundancia, um primor de obra prima ;
Porém, tão grandes que . . . não cabem nesta rima.
Essa joia sem par, divinamente pura,
E' o calçado de Deus, tal a crença em Mahadura.
O facto é que em Mahadura ha tão ruins caminhos,
Ora aqui capinzaes eriçados de espinhos,
Ora ali matagaes, perfurados de grótas,
Que Deus, para os trilhar, necessita de botas.
Depois, como Elle vae — tal a crença em Mahadura —
Muitas vezes por lá, um par pouco lhe dura,
E a conta é que o Senhor consome, salvo engano,

Nas idas a Mahadura, um parzinho por anno,
Mas se as botas se vão, uma coisa perdura,
E essa coisa, está claro, é a crença em Mahadura.
De sorte que o Senhor, mal acaalcanha um par,
Inda bem não precisa, encontra outro no altar;
O clero . . . o clero não, mas a nobreza e o povo
Acodem promptamente e dão-lhe esse par novo.

O melhor é que ha sempre em Mahadura uns atheus
Que insistem em negar a existencia do Deus.

O AFOGADO

O mar, o velho mar, disse-me um dia
Rojando á praia o busto venerando :
"Mortal, ha lá n'aquella penedia
Uma mulher chorando.

Vae mitigar-lhe o pranto, que a devora
A dôr pungente do ideal desfeito ;
Dize-lhe que esse por quem ella chora
Repousa no meu leito.

Dorme em meu leito de algas e de areias,
Junto de um bosque de coraes e perolas ;
Velam-no tres delphins ; e tres sereias
Acalentam-no querulas.

Dize-lhe mais, que o proprio Rei dos mares
Ouviu do caso com terror e magoas,
E que ao sabe-lo arremetteu de esgares,
Apostrophando as agoas.

O velho Reí, outrora omnipotente,
Mas grande e nobre como um paladino,
Não passa de joguete inconsciente
Nas garras do Destino ! . . . „

AS MONTANHAS

Vejo as montanhas juntas conspirando
No fundo do horizonte.
Um monte venerando
Levanta calvo e sobranceiro a fronte
E parece fallar com voz de mando.
Um fremito de guerra
Percorre-as monte a monte
E agita toda a scrra . . .

Deus, meu Deus, o que querem as montanhas?! . . .

Uma entre todas cuja altura aterra,
Como antevendo a gloria das façanhas,
Ergue o pico irascível! . . .

O' Deus, meu Deus, vinde aplacar-lhe as sanhas!
Livrae-nos, se é possível,
De uma guerra de morte das montanhas . . .

MERITO

Na lucta pela vida
Uma alma vil bem pode, sem tropeço,
Levar uma alma nobre de vencida
(E mais de uma conheço)
Como uma pedra, que sem ser polida,
Pode esmagar a perola de preço.

A CARIDADE

Uma vez, numa dessas mascaradas,
Encontrei phantasiadas
As tres virtudes santas da Escriptura.
Vinham de branco; cada qual mais pura
Na sua nivea, immaculada alvura,
Tão branca, tão diaphana que, em summa,
Eu, sem difficultade,
Conheci uma a uma :
Taes a Fé, a Esperança e a Caridade.

Entretanto, pensava : “ Serão ellas,
Senhor, estas donzellas ?
E se eu tirasse a prova . . . ”

E me ocorreu uma idéa :
Dei o braço á mais nova,
E levei-a
Para a ceia.
— “ *Milady*, fui dizendo, não se acanhe,
Que por isso é que a gente se mascara. „

Mas estoura o *Champagne*
Com tal alacridade,
Que ella assusta-se, treme . . . e embalde ampara
A mascara na cara.

Desmascarada, *Lady* Caridade
Era a pura Vaidade.

EDUCAÇÃO

Eis a mais artificial
Entre as flores de panno
Da rhetorica governamental
De um tyranno,
E o rebento mais novo
E ainda o mais natural
De um bom governo constitucional,
Do povo,
 pelo povo,
 para o povo.

A CARAVANA ESPECTRO

(LENDA ORIENTAL)

Sob a tenda do céu desannuviado e morno
Repousamos no Sahara em caravana errante;
Branquejam pela areia as ossadas em tórno,
Banha o luar, no Nilo, o planalto distante.

Ao relento, na brida, avulta a forma vaga
Da cavahada esparsa ; e os nossos beduinos,
Este a mão sobre a lança, outro ao punho da adaga,
Sobre o leito da sella, acampam resupinos.

Vago, plumbeo, silente, o horisonte vasio
Alarga-se sem fim. Desgarrado do bando,
Corta apenas o espaço um passaro tardio,
Ou relincha um corcel, impaciente escarvando.

Mas, de súbito, como ao varrer do sirôco,
Freme todo o areial, alto a areia espadana;
Desperta a nossa caravana; pouco a pouco,
Vae-se erguendo do solo uma outra caravana.

E' a caravana espectro! Animam-se com vida
As ossadas de pé, ao luar mal aberto;
Os cavallos, bufando, empinam-se na brida;
Fogem, de lado a lado, os séres do deserto.

Esta é a noite da lenda, esta a estranha paragem
Dos romeiros de então, cuja crença depreca
Que, refeitas na morte as forças da viagem,
Retomem novamente o caminho de Mecca.

E do pó, que o suão torvelinha em novellos,
Ergue-se uma legião morta de peregrinos;
Surgem, de toda a parte, espéctros de camellos,
Esqueletos a pé, sombras de beduinos.

E elles vão, atravez dos comoros enormes,
Agitando, ao luar, farrapos de sudarios;
Fazem de apparições carcassas multiformes,
Derviches cavalgando ossos de dromedarios.

Cataclysma de mar que a planicie alagára,
Elles enchem-n'a até onde a vista se embebe;
A caravana espéctro estende-se do Sahara,
Pelo rumo de Mecca, alem Bab-el-Mandeb.

Foram elles que, outr'ora, os abutres damninhos
Devoráram, já restos de hyenas rapaces;
Esta a ossada que nós calcámos em caminho!
Este o pó que o simoun nos atirou ás faces!

E nós vemol-os indo, ao rangido dos ossos,
Pandemonio espectral, sob os raios lunares,
Os sudários roçando os turbantes dos nossos,
Solemnes, atravez das dunas seculares.

Interrogue-se embora esse que empunha o sceptro
Dos destinos, o Ser de onde a vida dimana:
Allah, porque é que marcha a caravana espectro?
Quando hade descansar a morta caravana?...

Elles vão... Amanhã, da extranha cavalgada
Apenas restarão, mal o dia desponte,
O deserto de areia, ossada sobre ossada
E a poeira que o vento agita no horisonte.

Então, eis que, ao findar do pesadelo arfante,
Tudo se esvai! Resurge o deserto tranquillo...
Um corcel, relinchando, aclama o sol levante;
Desvendam-se, na frente, as montanhas do Nilo.

INCOGNITO

Inscrição encontrada em Said, no templo d'Iris :
*Eu sou quem sou, quem fui, quem heide ser,
Emquanto, ó infelizes!
Não romperdes o veu em qu'envolvi meu Ser.*

EXPANSÃO

I

“ Eia, arvores, a pé! „ Disse um dia a Floresta
Levada pela idéa archifunesta
De fazer guerra ao Mar,
Conquistar-lhe as fronteiras e alargar
Os seus dominios para além do Mar;
E quem o furor biblico da empreza
Visse, diria: “ O mar não a resiste, „
Pois cada tronco era uma fortaleza
E cada galho era uma lança em riste.
E as arvores raivosas, imprecando,
“ Morra! „ bradavam, ramalhando o espaço.
Té que a Floresta ergueu a voz de mando,
E as arvores, coitadas! infelizes!
Pegadas ás raizes,
Não deram um só passo.

II

Mas, a seu turno, o Mar, sabendo-lhe os designios,
Teve a idéa funesta
De alargar seus dominios,
E declarou tambem guerra á Floresta.
“Eia, ondas carniceiras !
— Bradou com voz olympica e stentoria —
Eia, á conquista, á gloria,
A' gloria de alargar nossas fronteiras. „
E assim, cheio de colera — espumante,
Foi o dorso das aguas empolando ;
Impou, como um gigante ;
Rugiu, rugiu, como um leão sem peia,
Cresceu, cresceu da altura do Himalaya,
E mais rugia e mais crescia, quando
Escabujou na areia
E foi morrer na praia.

AMBIÇÃO

Pobres ! num só colchão podem caber uns tres,
Mas o maior imperio é pouco p'ra dois reis.



CLOWNS



*Saltem os clowns empoados
Batendo os guisos da rima.
Gwinplaines sarapintados,
Saltem os clowns empoados!
Metros desarticulados
Pelo exercicio da esgrima,
Saltem os clowns empoados
Batendo os guisos da rima!*



ROAST-BEEF

(A ARTHUR AZEVEDO)

Ella tem a belleza, a flacida estructura,
Os contórnos viris, geometricos, altivos,
A branca carnação dos bons modelos vivos
Do magico buril dos Phidias da esculptura.

Resumbra-lhe a epiderme — alvissima textura —
Os philtros sensuaes, os toxicos lascivos,
Que aos martyres da Fé, aos crentes primitivos,
Serviram de adoçar o calix da amargura.

Ao vê-la, não cubiço os ocios d'um nababo,
Nem penso n'um cavallo elastico do Cabo
Para furtal-a ás mãos de um Jonathas patife,

Ouço um côro ideal e harmonico de beijos!
E sinto fervilhar-me o pégo dos desejos
De um Tantaló faminto em face de um *roast-beef!*

A MULHER DO PALHAÇO

Eu ando triste, mudo, atrabiliario,
Persegue-me a visão de um sonho vago;
Tenho as tristezas tetricas de Mario
E as solidões sinistras de Carthago!

Nem saiba o mundo; tabido sudario
Envolve-me a paixão que em mente afago...
Vou em meio caminho do Calvario
E desconheço a cruz que aos hombros trago!

Desconfio de alguém. De longa data
Conto entre as minhas relações ignotas
A graça escultural de uma acrobata!...

Muita vez *á sahida* dei-lhe o braço...
E inda tenho presente as cambalhotas
Que ella dava na ausencia do palhaço!

SOBRE UMA PAGINA

SCENA TRAGICA

Erecta, macilenta, esqualida, abatida,
Na fronte impressa a dor,
Ella avançou assim, — Medéa precedida
De um cortejo de horror!
E brandia febril, raivando como hyena
Um ferro nú na mão!...

Foi quando ouviu-se a voz do director de scena:
— Bravo! bravo... a expressão!

CARLOS TORISCO

O *lazzaroni*, a loura creatura,
Essa creança pequenina e bella,
Concebeu-a Correggio n'uma téla
Ou Gopil n'uma esplendida gravura!

Eu vejo-a quasi sempre, e sempre ao vel-a,
Sinto n'alma . . . não sei! . . . se me afigura
A densa treva de uma noite escura
Varada pelo raio de uma estrella.

— Eil-a o peito de fóra, a fronte aberta,
Viva, animada, sobre a téla incerta
Contrafacção bemdita de Gavroche . . .

Não é somente um sonho da palheta ;
Vive! e para viver vende a *Gazeta*
Ás portas do Cruzeiro e do Deroche.

Ri o de Janeiro.

CARTA A VIZINHA

Rogo-lhe aqui n'este abraço
Desta carta mal rimada,
Que vá de dia ao terraço
E chegue á noite á sacada.

Pois o moço de monoculo
Que habita o segundo andar,
Dia em que a vê por um oculo
Passa de noite a chorar.

Recife.

A LUA

(A VALENTIM MAGALHÃES)

Tu tens um *que* da tripode inspirada,
Quando, erguida nas lucidas esferas
Como uma copa sobre mim vasada,
Inundas-me de sonhos e chimeras.

Eu déra o beijo das paixões sinceras
Na tua fronte pallida, escalvada
Como a bossa d'um sabio illuminada
Que faz vivenda n'um covil de feras...

Eu quebrara-te a taça em holocausto,
Fôras a eleita do meu peito exausto,
Fôras talvez meu unico conforto...

Não te visse no pó das elegias,
Nem boiando nas fundas calmarias
Como um cetáceo morto!

MUSA DA ARCADIA

(A ARTHUR DE OLIVEIRA)

Leôa audaz de válida pujança,
Pezar que pouco custa amordaçal-a,
Não quiz trazer a Musa á tua sala
Para saudar os annos da creança.

Hylida talvez quizesse ouvir-lhe a fala,
Um riso, um threno, um canto de esperança...
Para outra vez, Arthur, eu trago-a mansa,
Não falta tempo, amigo, heide amansal-a.

Então, vencendo d'Hylida os olhos pretos,
A causa do temor que agora invade-a,
Hade trovar bellissimos tercetos:

— O' Beatriz morena d'outro Dante,
Deus te preserve das canções da Arcadia,
Flôr na beldade, arroio bem falante!

Rio de Janeiro.

EM TRAJOS MENORES

Farto de tédio, de illusões descrente,
Deixei os ocios de uma vida gasta ;
Vim habitar um commodo excellente
No bairro onde germina a melhor gente
Da flor burgueza de fidalga casta.

Mandei cortar sem pena o meu cabello,
Aquella cabelleira de poeta !
Tornei-me o *chic* do *leon* modelo,
Deito elegancia de chapéu de pello
Badine, luvas e *lorgnon* – luneta.

Por comprazer de publicar volumes
Já não traduzo a lyrica hespanhola ;
Detesto o canto – inspiração dos *rhums*,
Fiz do meu estro ferro de dois gumes,
Tornei-me vate da moderna escola.

Acero as rimas — dentes — Ugulinos,
O' craneos regio da suprema boda !
Bruno as espadas — os alexandrinos,
Leio Le Comte ruminando uns hymnos
E adoro os fetos d'esse aborto — a moda.

Mora defronte uma vizinha blonde
Como a santa de um nicho enluarada.
Dizem-na filha unica de um Conde ;
Só pela tarde, quando o sol se esconde,
E' que apparece a bella enamorada.

E sempre, ás mesmas horas, ao sol posto,
Vem á janella espairecer na rua.
Doira-lhe a fronte a sombra de um desgosto,
E a côr marmorizada do seu rosto
E' como a madreperola da lua.

Entre os flocos de gaze da cortina,
Como a lua, entre nuvens se balouça ;
Bianco vestita como a Fiorentina,
Ella apparece quando o sol declina,
E ninguem sabe o que deseja a moça.

Nunca um sorriso ou lagrima furtiva
Viu-se rugar a tez da face sua ;
Ella se mostra quando o sol se esquivava,
E na face da bella pensativa
Essa tristeza pallida da lua.

Quando a treva desponta ou luz a aurora
Banha o nicho vazio da madona ;
Ella resurge quando o sol descora,
E abandona-se, ás tardes, onde mora,
Como a lua nas noites se abandona.

Entro á uma hora no café Meirelles,
Ponho-me ao facto das questões da berra.
— Vejo defronte as *victimias imbelles*,
Uns tristes bardos que cantaram elles
E a *virgem santa* que restava á terra.

Pobres! são elles, desditosos Pietros
E as dores fundas que lhes pungem n'alma:
Trovaram virgens em diversos metros,
Hoje carregam as visões dos plectros
Bem como outr'ora do *martyrio a palma*.

Tenho dois pagens — creações divinas! —
Dois pequenotes tremulos moleques;
Muito pansudos e de pernas finas,
Semelham-se-me aboboras meninas
A caminharem sobre dois espeques.

Filhos da lenda estúpida e sem nome
De um duque Job que amára a mãe mulata,
Os jovens nobres como tinham fome,
Longe do pae que lhes negára o nome,
Vieram servir o bardo democrata.

O menor d'elles — talentão precoce! —
Sofre a nevrose-realismo aguda.
Trucida o romantismo estrophe a estrophe,
Conhece o Zola pelo *Regabofe*
E não supporta uma visita muda.

Recita ponta a ponta o *Saltimbanco*,
Sobe da fralda ao pincaro (prodigio!)
Atira longe, incommodo, o tamanco,
Galga ligeiro o pulpito de um banco
E prega em nome do barrete-phrygio

—Con-ci-da-dãos!... e fita-me o sobrolho,
Eleva ao ar a pequenina mão,
Gruda um monocl'ô de papel n'um olho...
E não ha quem não veja no pimpolho
A miniatura exacta do Trovão!

Como dois sóes de madrugada fria
Batem-me á alcova estas *manhans bastardas*;
E eu saboreio o meu café do dia
Na porcellana branca da alegria
Á luz dos olhos das *auroras pardas*.

Emquanto espero o grito que me chama
Ás aguas claras de um banheiro vasto,
Entre as alfombras dos lençoes da cama,
Sigo na pista, como um cão de fama,
Da rima a lebre de que busco o rasto.

Á tarde a bota ao *lazzaroni* engraxo,
Passeio o bairro — imposições da hygiene! —
É quando a negra da vizinha em baixo
Sacode a lama secca do capacho
Com seu sorriso chronico — á Gwinplaine.

O MONSTRO

O monstro que me rói
É d'este clima avesso . . .
Como qualquer heroe
Não se esculpiu em gesso.

Como ao revel de Inspruck
Eu lhe neguei ingresso,
Mas elle e seu chibuck
Habitam-me, confesso.

Uma argamassa ossea,
Uma fusão de brumas . . .
Eu o defino assim.

O' criação da Escocia,
Emquanto fumas, fumas,
Eu te acclimato – *spleen!*

O PAGEM

(TRAGEDIA NÃO REPRESENTADA)

*O voi che avete gl'intelleti sani,
Mirati*

DANTE.

*Pelo titulo, PAGEM, vê-se logo
Que fui pedir o heroe desta tragedia
Aos tempos idos da cavallaria.
Não é, porém, um sonho de poeta ;
Antes que de Plagiario alguém me acoime,
Manda a verdade mesmo que se diga
Que foi bebida em chronicas inglezas.
E' uma historia de amor, mas bella e nova,
Tanto mais nova quanto (que descuido!)
Nenhum dos bardos de Albion brumosa,
Shakespeare ou Dryden, nenhum delles
Julgou-a digna de seu anglo engenho.
Que grande entrecho de tragedia, emtanto,
la perdido pelo pó das eras!*

*Byron, comtudo, no explodir da imagem,
Quando na febre do seu genio errante,
Talvez sentisse no sonhar do Lara
A visão tentadora de meu pagem.
Mas não, nem tanto... Trégoa ao devaneio;
Ao poema, ao poema! o entrecho é largo
E é tempo de dizer, se mais não fôra,
Dos*

PERSONAGENS

*Allan da Bretana,
O Conde Millo, Lord Condestavel
Da Inglaterra, Arabella, sua esposa,
Servos, um Bobo... e é tudo.*

*A scena passa-se
A' vista de Gloucester, onde habita
Um soberbo solar do mesmo nome
O Condestavel.*

*Tempo o de Estephano,
Seculo XII, conseguintemente.*

ACTO I

Da tragedia (sic)

SCENA I. *A scena representa
Um aposento nobre do castello,
Lanças, espadas, guantes e panoplias,
Todo um trophéo polido de armaduras
Adorna-lhe as paredes mediévas.
Entre-parenthesis: o vestuario,
Accessorios, mobilia e o mais preciso
A' mise-en-scéne esplendida da peça
Encontram-se no Scott e figurinos
Da idade média. Fecha-se o parenthesis.*

Apita o pano

*Um personagem calvo,
Fronte branca de cal, como entaipada
De uma argamassa espessa de pó branco,
Bocca rasgada a rouge e pelos olhos
Pingando como lagrimas dois grossos
Pontos de intergeição de tinta preta;
Physionomia pandega e risonha,
Todo empoadado, a tilintar os guizos
Que lhe pendem do fato em bambinelas;
Bluza e calções de côres variegadas,
Perfeita orgia de amarello e roxo,
Azul e branco, bacchanal de cores,
Um todo, em summa, de jogral de côrte
Dos tempos que se foram, surge em scena.
Corteja a casa... poudo a calva a mostra,
E principia*

O BOBO (*sorridente*)

Boa noite, torrinhas e plateia,
Ladies gentis e gentlemen do sport,
 Coube-me por sorte
 Um papel secundario
 Nesta noite de estreia,
 O de anunciar (Deus sabe com que pena!)
 Da parte do empresario
 Que a peça anunciada
 Não sóbe mais á scena.

(*Rumor de pateada*)

Eis o motivo:
 Não sóbe, simplesmente,
 Porque acabou de ser representada,
 Inesperadamente,
 Ao vivo,
 Pela *ingenua*, o *galan* e o velho *centro*,
 Bastidores a dentro.

(*Signaes de impaciencia na plateia*).

AS TORRINHAS: Hom'essa!

O PARTERRE: Que idea!

O BOBO (*continuando*): Meus senhores,

Eu que vos falo á pressa,
 Enfrornado em pyjamas multicores,
 Era o Bobo da peça.
 E sem ter tempo de mudar de fato
 Eis-me em publico e razo
 Para explicar o facto...

O Lord Condestavel

Era o *centro*, casado na tragedia

E na vida real com Arabella.

Como a scena se passa á luz da rampa

Fora pouco dizer ; é bom saber-se

Que tal e qual jogou-se entre os actores

Nos bastidores.

Allan, um guapo moço da Bretanha

(Eis o que reza a chronica da peça)

Vai, por ordem do principe Estephanio,

A um reino amigo e principe alliado

Levar uma mensagem bellicosa

Contra a rainha Maggie de Inglaterra

Por cujo reino tem de abrir passagem.

Maggie, a rainha, prevenida em tempo,

Faz abortar a entrega da mensagem ;

Cérca a fronteira de espiões e guardas,

Põe a cabeça a premio ao mensageiro,

E, dentro em pouco, o intrepido enviado

Cai nas mãos de seu Lord Condestavel.

Porém o Lord (sempre é Lord o Diabo)!

Triste da sorte que aguardava o moço,

Ou fosse porque em epocha remota

Um ascendente do *galan* intrepido

Salvára a vida a um seu antepassado,

Como se dá nos dramalhões antigos,

Jura por sua vez salvá-la a Allan ;

E assim promette que o fará, mandando

Reconduzil-o na manhã seguinte

São e salvo á fronteira por um pagem.

Ora, acontece que a Arabella (a *ingenua*)

Bella esposa do Lord Condestavel,

Ouve do plano, e na manhã seguinte,

Apparição divina e deslumbrante,

Loura da côr do Sol, como talhada

Na neve e luz de que se fez Ophelia,
Mais divina, porém, muito mais bella,
Surge em traje de pagem Arabella . . .

Para que mais, se se antecipa o resto ?
Reticencias. E desde esse momento
Não mais se soube do *galan* nem d'ella.
Quanto ao *centro*, procura-os incançavel
No seu papel de Lord Condestavel.

Eis a peça em resumo, ou pelo menos
Tal como foi representada ao vivo
Pela *ingenua*, o *galan* e o velho *centro*,
Bastidores a dentro.
Póde faltar-lhe tudo : estylo e arte,
O proprio *clou*, mas o que não lhe falta,
Antes sobra-lhe e muito, é ensinamento.
Se é este (o ensinamento) o fim do drama,
Recebam-na com palmas e com flores,
Que jámais tão legitimo successo
Coroou nunca decantado drama
Do auctor novel, antes de vir á scena.

EPILOGO

Por ultimo, eu quizera
(E assim pensou tambem o auctor novato)
Philosophar, a titulo de epilogo,
Umhas tantas ideias sobre a escola
O proprio auctor e a these debatida,
A these sempre nova do adulterio,
Mas temo que plateia e galeria
Bocejem somno, victimas do epilogo.
Comtudo, a ideia não naufraga ao certo,
Se uma parte do publico presente,
Afeito ás coisas theatraes da moda,
Perscrutar *la dottrina che s'asconde*
Sotto il velame degli versi strani.

AO SILVESTRE DE LIMA.

Ai, que perfume de lima!
Ai, que perfume silvestre!...
Até me provoca a rima,
Ai, que perfume de lima!...
Vê tu, Silvestre de Lima,
D'onde o perfume, Silvestre...?
Ai, que perfume de lima!
Ai, que perfume silvestre!...

ANDALUZ

Oigas hablarme un español tan fiero
Que no hablaba Sancho, el escudero,
Y me tómas a mi por andaluz !
Pero, soy hijo de la ardiente España,
Tierra de niñas de belleza extraña
Y del cielo de luz.

Y como és tu tambien de Andalucia,
Acojeme en tu seno, hermana mia,
Que asi me quedaré por una vez . . .
(E's mil veces mejor, mil veces mil ;
No lo dirá que un vate del Brasil
Ha tenido a sus piés.)

ESTUDANTINA

Visinha do andar de baixo,
Quando regar suas flores,
Lance um olhar para cima
Para regar meus amores.

IXORA

Depois de cheiral-o bem,
Um fabricante opinou :
Não ha no mundo ninguem,
Depois de cheiral-o bem,
Que creia existir alguem
Que vença nisto o Pinaud ;
Depois de cheirar Lubin,
Um fabricante, o Pinaud.

CÉO ABERTO

Sonho : era o chaos, treva, barulho
E o céu partido em mil pedaços ;
A terra afunda num mergulho
Rolando solta nos espaços ;
Eu, já se sabe, vou de embrulho,
Rólo também, mas nos teus braços . . .
Acordo, enfim. Foi um esbulho,
Não ver o céu em mil pedaços
A terra funda, num entulho,
E eu só rolando nos teus braços.

SEGREDOS

Ha dois segredos que a mulher querida
Ou a melhor metade
Occulta ao homem : um é a metade
De sua vida,
Outro a metade
De sua idade.

O EPIGRAMMA

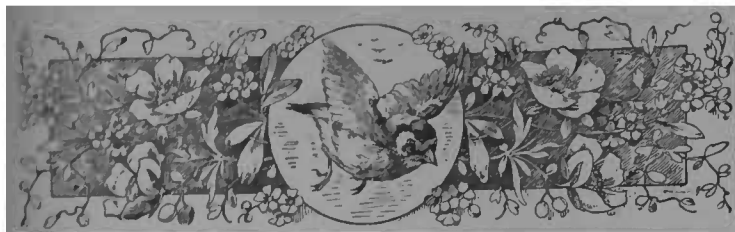
O epigramma é uma sentelha
Do espirito do Diabo,
Faisca como um pyrilampo; e, ao cabo,
Se assemelha
A uma abelha,
Por ter ferrão no rabo.



RUINAS

CMS
(3)
i

*São as aves das ruínas
As almas das coisas mortas.
Como do mar as ondinas
São as aves das ruínas...
– Se as ilusões que assassinas
Baterem-te ás negras portas,
São as aves das Ruínas,
As almas das coisas mortas.*



FLOR DA DECADENCIA

Sou como o guardião dos tempos do mosteiro !
Na tumular mudez d'um povo que descança,
As criações do Sonho, os fetos da Esperança
Repousam no meu seio o somno derradeiro.

De quando em vez eu ouço os dobres do sineiro :
E' mais uma illusão, um féretro que avança ...
Dizem-me—Deus ... Jesus ... outra palavra mansa
Depois um som cavado — a enxada do coveiro !

Minha'alma, como o monge á sombra das clausuras,
Passa na solidão do pó das sepulturas
A desfiar a dôr no pranto da demencia.

—E é de cogitar insano n'essas cousas,
E' da suppuração medonha d'essas lousas
Que medra em nós o tédio — a flor da decaencia !



S P L E E N

Tenho um phantasma secreto
Como um *virus* deleterio...
Às vezes traja de Hamleto
Com scenas no cemiterio.

N'uma idéa que interrogo
Vejo o mal que a mim impelle-a...
Fito craneos, monólogo,
Tenho saudades de Ophelia.

As minhas visões passadas,
As andorinhas de outr'ora,
Levantam-se em revoadas
Caminho de nova aurora,

E sobrenada-me e boia
A negra duvida immensa
Como um abutre de Goya
Sobre o cadaver da Crença!...

Às vezes creio que cessa
Dentro em mim uma existencia :
Parece erguer-se uma eça
E uns córos á Providencia !...

Estive pensando agora
Que na verdade eu quizera
Que bem se dêsse em tal hora
A morte de uma Chimera.

A Phantasia — essa magica,
A causa de tudo aquillo,
E' mais ardente e mais tragica
Que Shakspeare e Eschylo !

Um ventre que sempre aborta
E cada abôrto é um louco !...
Quem me dera vel-a morta
Torturando-a pouco a pouco !

* * *

Carregou-me tanto o tedio
Do dia d'hontem, que em summa,
Suppuz-me um vate-epicedio,
Velho fetiche da bruma.

Desbrochou-me a flor da magua
Sobre os pallores da fronte
Como antes da carga d'agua
O claro sol no horisonte.

Quando o crepusculo veio
Tive um raio de esperança:
Vi o céu rachado a meio
Pelo arco da aliança!...

POMO DO MAL

Dimanam do teu corpo as grandes digitalis,
Os filtros da lascívia e o sensualismo bruto!
Tudo que em ti revive é torpe e dissoluto,
Tu és a encarnação da synthese dos males.

No entanto, toda a vez que o seio te perscruto,
A transbordar de amor como o prazer de um calix,
Assalta-me um desejo, ó gloria das Omphales!
—Morder-te o coração como se morde um fructo!

Então, se dentro d'elle um mal que á dôr excite
Contens de mais que o pomo esteril do Asphaltite,
Eu beberia a dôr nos éstos do delirio!...

E podias-me ouvir, excentrico, medonho,
Como um canto de morte ao rythmo d'um sonho,
O poema da carne a dobres de martyrío!...

UM PROLOGO

Abriram-se-me, internas,
No mar dos meus pensares,
Em brancos nenuphares,
As lyricas modernas.

Deslisem, sempre ternas,
Da foz dos teus olhares,
Em torrencias eternas
Os limpidos cantares !

Se um coração de maguas
Partir-se contra as fraguas
De uns grandes amuletos,

Recebe-o nos teus braços
Desfeito em estilhaços
De murmuros tercetos.

THERMAS DE LUZ

Vou sagrar-te novo canto,
Enxerto de vinha santo,
Que medra em meu coração . . .

Des' que teus olhos me entornas
Só bebo por essas dórnas
O vinho d'uma illusão.

Quando a tormenta do vicio
Rugia como um flagicio,
O' deusa, sob teus pés . . .

Appareceste-me, e logo
Eu cri na sarça de fogo
De que falava Moysés.

Eu me despira de tudo;
Vivia fechado e mudo
Como a abobada dos céos . . .

E minhas crenças enfermas
Banhei-as nas tuas thermas
E saturei-me de Deus.

Piscina dos meus luares!
Rolem da foz dos olhares
Meus banhos aos seios nós...

E' tempo, sinto-me exangue,
O corpo banha-se em sangue
Se as almas banham-se em luz.

Em meio da noite feia,
Tivé sêde – saciei-a,
Transviei-me – foste o bem...

Mas agora, a uma luzerna,
Não lobrigo uma taverna
E tenho fome também.

Hoje diz-se de meu nome:
–E' um ébrio que tem fome,
Dão-lhe vinho e pede pão... –

Des' que teus olhos me entornas
Só bebo por essas dórnas
O vinho d'uma illusão.

A' MARGEM DA CORRENTE

Se como um rio o teu olhar me alaga
Toda a minh'alma inunda de esplendores,
E eu deixo-me levar ao tom da vaga,
Cantando a barcarola dos amores,
Como as cheias do sul de plaga em plaga
Ilhas de cantos, passaros e flores! . . .

Todo meu ser exulta no delirio
De uma alegria doida, inconsciente!
Uma illusão já morta — brota um lirio,
Tudo que vejo — um céu resplandecente! . . .
Espinhos, maguas, dores e martyrios
Vão-me ficando á margem da corrente.

FALAM AS FLORES

I

Nós somos as mensageiras
Dos beijos do teu amigo.
D'essas estancias ligeiras
Nós somos as mensageiras.
Depõe-nos nas jardineiras
E ficaremos contigo . . .
Nós somos as mensageiras
Dos beijos do teu amigo.

II

São aves estas chimeras
Com fórmãs de *trioletes*.
Pipilam nas primavéras,
São aves estas chimeras.

Vêm em bando das esferas
Para cantarem-te aos pés...
São aves estas chimeras
Com fórmãs de *triolet*s.

III

Possuem as azas d'ouro
Das phantasias aereas.
As *aves* têm seu thesouro,
Possuem as azas d'ouro.
Voaram cantando em côro
As tuas fórmãs ethereas...
Possuem as azas d'ouro
Das phantasias aereas.

IV

Douraram-se aquellas pennas
Nas penas que o fazem triste.
Nas suas maguas serenas
Douraram-se aquellas pennas.
Não são alegres apenas
Porque de dôr o vestiste...
Douraram-se aquellas pennas
Nas penas que o fazem triste.

V

Não deixam o pó dourado
Das azas sobre o teu rosto.
Não querem vê-lo nublado,
Não deixam o pó dourado.

Por não vel-o maguado
De tristíssimo desgosto,
Não deixam o pó dourado
Das azas sobre o teu rosto.

VI

Voltai, canções desoladas,
Ao vosso ninho de dôres.
Se não lhe trazeis risadas,
Voltai, canções desoladas.
No peito das bem amadas
Melhor assentam as flôres...
Voltai, canções desoladas,
Ao vosso ninho de dôres.

LOURA E BRANCA

I

Loura e branca, de lirio na brancura
Parece filha d'um pincel divino! . . .
A gente, ao vê-la, lembra-se de Urbino,
Tem impetos de pôr-lhe uma moldura.

Um garbo de velhice prematura
Nevou de leve a coma d'ouro fino . . .
Meneio e gesto languido e felino,
Firme e correcta a linha da cintura.

Não sei quem fez d'aquillo um ser humano!
Sanzio, juntando um resplendor de aurora,
Faria a *estancia* de seu genio ufano!

Dante... não sei o que faria agora;
Mas Virgilio se a visse, o Mantuano,
Fazia a Deusa que minh'alma adora!...

II

Eleva-me, arrebatá-me os sentidos
Se a vejo ou se a contemplo um só momento
De seu passo o mais leve movimento
Echôa como um canto em meus ouvidos.

Ouçó-lhe as fórmás, n'um deslumbramento,
A sonata do bello; e nos rugidos
Da cambraia e do linho dos vestidos
Vibram accordes de acompanhamento.

Todo seu corpo musical e adórnos,
Na cadencia d'um rythmo que embala,
Estrugem na harmonia dos contórnos!...

Caminha!—e o canto unisono trescala,
Como por noites de languores mórnos,
Toda a volupia d'um luar de opala!...

NOCTURNO

Como nas lendas do Rheno,
O luar das noites claras
Desvenda-lhe as fôrmas raras
E a cabelleira de luz...
Quando ella surge-me em sonhos
E' como as vagas ondinas
Que vêm por entre as neblinas
A' flôr dos lagos azues.

E como as leves Walkirias
E as Korrigans da Bretanha,
E' loura como a Allemanha
E branca como o luar...
O sol que bate nos mares
Fazendo-os de verde louro
Tingiu-lhe os cabellos d'ouro
E os olhos de verde-mar.

A aparição dos meus sonhos,
E' como a sylphide núa
Que baila ao clarão da lua
Por entre as brumas d'um véo . . .
E descem-lhe os fios d'ouro
Ao longo das fórmas bellas
Como, ao luar, das estrellas
Descem os raios do céo.

Fluctúa em lucidos giros,
Avulta, cresce e desmaia,
Como a vaga que se espraia
Sobre as arêas do mar . . .
E como a vaga fugace,
Desfeita em flócos de espuma,
Paira no ar uma bruma
Doirada pelo luar.

E como as visões do Rheno,
Ao luar das noites claras,
Desmancham-se as fórmas raras
Pelas miragens azues . . .
E da visão de meus sonhos,
Como das vagas ondinas,
Pairam no ar as neblinas
Sob a ironia da luz.

NEVROSE

Nessa tristeza morbida, secreta,
Que te afugenta as sombras do repouso,
Eu vejo a hypocondria, a febre infecta
—Florescencias do pantano do gozo.

Por uma noite de luar repleta,
Eu, comtudo, quizera, fervoroso,
Sentir pulsar esta paixão discreta
No bronze do teu seio tormentoso!

Depois... morrer! beijando como o pária
Na liça da peleja sanguinaria
A mortalha de lôdo em que se cósse!

És o perfume negro, a flôr do pasmo,
Que no silencio morno do marasmo
Faz-me sonhar os éstos da nevrose!...

A MULHER QUE RI

Podeis descer ao circo, esplendida senhora!
Ali, onde o prazer estridulo começa,
Onde revive a farça, onde estrebucha e cessa,
Foi que Gwinplaine riu, o titere que chora.

O riso que entre-abris como u'a flôr sonora
E' um riso farçal, artistico, Condessa.
Differe: o lord tinha a mascara da peça,
E vós trazeis no rosto a mascara da aurora.

Podeis transpor, comtudo, ó fina flôr de gaze!
Ao salto, ás ascenções aereas do funambulo,
A rima de punhaes do circulo da phrase.

Transponde! as multidões saúdam-vos no plectro,
Transponde! a maldição do ultimo noctambulo
Faz estrugir de longe o látigo do metro!

DAMA DAS CAMELIAS

Gautier, essa heroína,
Abafas no teu craneo
O tumultuar titaneo
De uma paixão divina.

E, rapido, instantaneo,
Como a explosão da mina,
Represo amor fulmina
O teu viver insano.

Depois ... desfolhas, calma,
Um riso agradecido
Às flores da ovação ...

E' quando dentro, n'alma,
Irrompe-me incendiado
O fogo da paixão.

A MINHA DOR

Silencio, ó minha Dôr, que alguém te não aviste
As lagrimas fataes.
A' noite iremos sós colher um riso triste
A' diversão dos mais.

Como ao prazer, ha pouco, eu dar-te-ei o braço
E iremos como os bons
Ao circo hoje assistir á estrêa de um palhaço
E não sei quantos *clowns*.

E como importas muito, ou viva, ou morta, ou salva,
Aos pezames gentis,
Irás vestida á moda, a pasta á Marialva
E á *boutonnière* um liz.

Que tu és sempre má! laceras cruelmente
Uns pobres corações,
E ficas a pensar que vai chorar-te a gente
A rir dos histriões! . . .

Depois ao *restaurant!* E como és nova e féra
E eu não te sagro amor,
Lá poderás lançar o pomo de Cythéra...
Eu te conheço, Dôr!

Esperam-te talvez as seducções do vicio,
Os tremedaes do mal,
Eu sei, tu prézas muito a vida entre o bulicio
Ao choque do crystal.

Embora um ideal completo em ti não sonhe,
O' Dôr, tu podes vir...
Em frente a uns seios nús e um calix de Bourgogne
Tu saberás sorrir.

Já não és mais a vil que conduzia á morte
Os cerebros *blazés*,
És um acinte ao tom, e como a moda o córte,
Eu mudo-te, bem vês.

ESTUDO ANATOMICO

(A ALUIZIO AZEVEDO)

Entrei no amphitheatro da sciencia,
Attrahido por méra phantasia,
E aprouve-me estudar anatomia,
Por dar um novo pasto á intelligencia.

Discorria com toda a sapiencia
O lente n'uma mesa onde jazia
Uma immovel materia, humida e fria,
A que outr'ora animara humana essencia.

Fôra uma meretriz; o rosto bello
Pude timido olhal-o com respeito
Por entre as negras ondas de cabello.

A convite do lente, contrafeito,
Rasguei-a com a ponta do escalpello
E não vi coração dentro do peito!

O ELDORADO

(PÖE)

Sobre um corcel, no tranco,
Armado ponto em branco,
Um cavalleiro andante enamorado,
Moço, bello e jocundo,
Ia vagando o mundo,
A' procura da terra do Eldorado.

Depois que o cavalleiro
Correra o mundo inteiro,
Exhausto e fatigado,
Chegára ao fim da vida,
E nem signal de terra promettida,
Nem sombra de Eldorado.

Mas seguia sosinho,
Quando encontra, à caminho,
A Sombra de Ashaverus Rebellado:
— O' Sombra que me ensombra,
Onde é que fica, Sombra!
A decantada terra do Eldorado?!

— O Eldorado é na Lua,
E a minha sina a tua:
(Era todo sarcasmo o Rebellado!)
Dá-me, pois, a garupa,
E a galope!... Upa, upa!
Que já se avista a terra do Eldorado!...

SPLEEN

(BAUDELAIRE)

Sou como certo rei de um paiz tenebroso :
Livre e moço, porém, tão refractario ao goso,
Que tudo o enoja, tudo! amantes e cavallos,
Trens de recreio e cães, mordomos e vassallos.
Nada o póde alegrar: nem mesmo, ao abandono,
Vêr o povo morrendo á fome aos pés do throno.
Do Bobo jovial a graça mais picante
Não desenruga a fronte ao misero reinante.
No seu leito, que é como um céo flordelisado,
O typo de mulher mais bellamente ideado,
Trazendo á flôr do labio o encanto mais faceto,
Nem sequer faz sorrir esse pobre esqueleto.
Tudo procuram, tudo! os medicos da côrte
Para arrancal-o, em vão, desse torpor de morte.
Dão-lhe banhos de sangue, esses banhos de Roma
Famosos; e elle sempre em estado de coma.
No seu corpo real, da lividez dos fetos,
Circula, em vez de sangue, a agua verde do Lethes.

PRELUDIO

Poeta, em meio á dor que geras
Ouves acaso o coração?
Ah! tu, vidente de outras eras,
Vives no mundo da illusão;
Ouves o canto das esferas,
Ouves a voz da solidão,
Mas nunca ouviste, e o não souberas,
Cantar esse orgam da paixão!
Não dê's ouvidos a chimeras,
Vem escutar meu coração.

O HORIZONTE

Vi-o passar esbaforido
Correndo em busca do horizonte ;
Vinha de longe, combalido,
Suada em perolas a fronte.
“ Pára, gritei, vaes illudido ! „
Mas vi-o ir de valle a monte,
E apoz o vi inda esbatido
Em silhueta no horizonte
Sumir-se longe esbaforido,
Correndo em busca do horizonte !

OS PASSAROS

O passaredo no arvoredos
Trinava gárrulo e contente.
Ao presentil-os em folguedo
Cessaram todos de repente.
Passei e ouvi-os em segredo
Entredizerem brandamente:
“Um diz-se sabio, outro eminente,
Este é poeta e, seriamente,
Pensa que canta, ai, que arremedo!,,
E ria, ria doidamente,
Mas á socapa o passaredo.

O CORAÇÃO

Talvez incrível, mas um dia
Abandonado á solidão
Encontrei *um* que na agonia
Comia vivo o coração
“ Que tal te sabe essa iguaria,
Amigo?.. disse-lhe, e elle então :
“ Sabe-me a fel (elle o mordia
Com appetite de glotão)
Sabe-me a fel, e todavia
E' para mim uma ambrosia,
Pois é meu proprio coração ! „

ADEUS!

Terras da patria. Adeus, Adeus,
Terras da patria!...„ E num momento
Não vimos mais que mar e céos.
Mas, nesse instante, a voz do vento,
Como acenando num lamento,
Chegou dizendo, ‘ Adeus! Adeus!...„
E desde então, desse momento,
Não mais fitei o mar e os céos
Que não ouvisse a voz do vento,
Como acenando num lamento,
A soluçar no mesmo acento,
“ Adeus! Adeus! Adeus! Adeus!...„

A BOLA DE OURO

I

No céu que lucido scintilla
Vejo uma immensa bola de ouro
E determino possuil-a.
Escalo o céu ; ora de rastro,
Ora de pé, vou de astro em astro,
Até que chego á bola de ouro,
E ponho a mão ; mas, ao sentil-a,
Desencantou-se-me o thezouro :
A bola de ouro era de argilla.

II

No céo que lucido scintilla
Deixo ficar a bola de ouro,
Sem mais pensar em possuil-a,
E, ora de pé, ora de rastro,
Alcanço a terra, de astro em astro.
Fito de baixo o meu thezouro,
E, em vez de ver a mesma argilla,
Eil-a que lucida scintilla:
Era de novo a bola de ouro!

A MINHA ESTRELLA

Fiz a viagem das estrellas;
Era um espirito o meu guia;
Fui, de uma em uma, a todas ellas
Por céos em fóra, e tantas via
Quanto extasiava-me de vê-las,
Cheias de luz e louçania,
Todas tão lucidas e bellas,
Brilhando todas á porfia;
Té que parámos numa dellas,
Mansão inhospita e sombria.
“Esta não brilha como aquellas,
Leva-me d’esta, disse ao guia.”
Mas elle: “Como! então que anhelas?”
“Leva-me, leva-me, insistia.”
“Ah, filho ingrato! pois entre ellas...
Não n’a conheces, esta fria

✱

Mansão que gira em meio dellas?!
Já que na tua astronomia
Não aprendeste a conhecê-las,
Digo-te então que esta sombria
E' tua mãe entre as estrellas:
Esta é a terra, disse o guia! „

PARAPHRASE A C. FLORES

Sondae a terra... no seu ventre afflicto
Revolvei-lhe o recondito thesouro ;
E, envolto nas agruras do granito,
 Encontrareis o Ouro.

Sondae o mar... no seu profundo arcano
Agita-se a gemer a vaga querula ;
E fundo, bem no fundo do oceano,
 Encontrareis a Perola.

Sondae o céu... a noite o sobreleva
De treva espessa, que não ha rompê-la ;
E fundo, bem no fundo dessa treva,
 Encontrareis a Estrella.

Sondae o coração... no paroxismo
Ou no transporte, entrae, mergulhador !
E á tona ou bem no fundo desse abysmo
 Encontrareis a Dôr.

A VENUS DE WASHINGTON

Era prínceza e vinha da Allemanha.
Loira, de olhos azues e olhar sereno ;
Era a belleza altiva mais estranha
Que jamais, nunca ! vira o céu do Rheno !

Bella, d'essa belleza extraordinaria,
Que uma arte composita . . . nem pintura,
Musica, poesia ou estatuaria,
Poderia copiar-lhe a formosura !

E que pincel divino ou que palheta
Iria nunca reviver na téla
Aquelles cilios cõr de violeta,
Emmoldurando o azul dos olhos d'ella ?

Que Bellini ou que magica batuta
Transformasse-lhe a voz em cavatina !
Quem iria `arrancar á pedra bruta
Aquellô torso e fronte leonina ?

E que poema, cantico ou ballada,
Inda de Gœthes, Klopstokes, Múrgers,
la cantar-lhe a coma encapellada
Como a floresta em chamma de Walpurgis?...

Era princeza e vinha da Allemanha!
Loira, de olhos azues e olhar sereno;
Nunca belleza altiva mais estranha,
Nunca medrâra sob o céu do Rheno!

Quando ella entrou do Capitolio as portas
Resplandeceu de Washington a Estrella!
E o velho marmor das legendas mortas
Como que se animava para vel-a!

De cada heróe, fitando-a de seu throno,
Parecia-me ouvir em cada solio:
—Se essa que vinha perturbar-lhe o somno,
Era Venus que entrava o Capitolio!?

Era princeza e vinha da Allemanha!
Loira, de olhos azues e fronte homerica;
Era a belleza altiva mais estranha
Que tambem nunca vira o céu da America!

Washington, 86.

MADRIGAL

Tenho mil linguas, diz-se em toda a parte,
Mas 999
São só para cantar-te,
A milesima, pobre! não se move,
Porque não sabe a arte
De dizer a mortaes o que a commove.

AO LARGO

Mulher ou visão homérica
Das minhas rimas esquiva,
Filha esplendida da America
E, como a America, altiva !

Loura estrella radiante,
Que vem talvez do Cruzeiro
Guiar o meu passo errante
Sobre outro sólo estrangeiro !

Detem-te em teu gyro, pára !
Contempla este sol intenso, —
Fita este oceano, repara
No azul d'este céo immenso !

Vês no fundo do horizonte
Estas altas cordilheiras,
Onde á tarde o sol a fronte
Vae repousar das soalheiras ? . . .

São do Brazil estas zonas ;
E, como é grande entre os grandes,
Pol-o Deus entre o Amazonas,
O Prata, o Oceano, os Andes . . .

Tem as grandezas estranhas
Entre as grandezas mais bellas :
No ar, nos rios, nas montanhas ! . . .
No mar, no céu, nas estrellas ! . . .

Pois estas infindas plagas,
Onde a minha alma fluctua,
Cantando ao rugir das vagas,
Chorando ao clarão da lua,

Todas estas maravilhas,
Quando veremos os dois ? . . .
Chegaremos ás Antilhas
E á tua patria depois . . .

Entretanto em tua frente
Ha um quê d'esta paragem !
Muita luz d'este horizonte,
Toda a côr d'esta paizagem . . .

Tão bella assim, quem me déra,
Sob outro hemispherio azul,
Que fosses tu a chimera
Que, doido, deixei no sul ! . . .

Loira estrella radiante,
Tu vens talvez do Cruzeiro
Guiar o meu passo errante
Sobre outro sólo estrangeiro ! . . .

PORTIÇO DE ALBUM

Este livro é o templo imenso
De uma nova liturgia,
Onde o louvor é o incenso
E a canção a litania.

Coube-me dar o exemplo
Da devoção inicial;
Mal chego á porta do templo,
Benzo-me: *Pelo signal*...

Sacudo á entrada a sandalia,
Rebôa o *Te Deum* contrito...
A agua benta é da Castalia,
A rima é a hostia do rito.

Ajoelho-me reverente
Diante do idolo amado,
Porque o poeta é o crente
E a irreverencia o peccado,

E começo dando o exemplo
Da prece fervorosissima
A' padroeira do templo,
Annita, a Virgem bellissima.

A CAVALLO

Onde me levas, meu cavallo? ... Upa! ...
E o corcel mais veloz que o pensamento,
Mal me sentio roçando-lhe a garupa,
Partio, as crinas sacudindo ao vento.

E' noite, e muito além, no descampado,
Por onde vâa o meu corcel fogoso,
Como um astro no occaso agonizado,
Crepita a chamma do primeiro pouso.

Mordendo o freio, atropellando os campos,
Vôa, voamos, e no nosso passo
Saltam como poeira os pyrilampos,
Ascendem astros recamando o espaço.

Noite do meu paiz! noite divina!
Onde ha sóes a brilhar no firmamento,
E, levantando estrellas na campina,
O corcel vâa como o pensamento! ...

Vôa, voamos! na soidão deserta
Tudo é silencio, a natureza dorme;
Somente a lua na amplidão aberta
Povôa a noite como um sonho enorme!

A varzea, a matta, o campo... a selva inteira
Repousa immovel, sonha adormecida!...
Alevantando os astros na poeira,
O meu cavallo passa a toda a brida.

E á luz da lua, o threno da viola,
Terno, sentido, a soluçar saudoso,
Como a alma da noite que se evóla,
Ouve-se agora no primeiro pouso!...

Onde me levas meu corcel sem freio?...
As negras crinas agitando ao vento,
Mal me sentiste repousado a meio,
Voaste, ó meu corcéi, meu Pensamento!...

Noites do meu paiz! almas da selva!
Vós que sabeis do meu corcel fogoso,
Sombras da solidão! astros da relva!
Guia-o junto do primeiro pouso!...

Baltimore, 1886.

N'UM LEQUE

Houve outrora na côrte do Rei Sol
Um bardo, cuja penna caprichosa
Era o bico subtil de um rouxinol;
E co'a penna bizarra e maviosa,
Embebida nas tintas do arrebol,
Elle escrevia em petalas de rosa...
Com essa penna, em beijos embebida,
Neste setim, escrevo-te, querida.

AGHA VELI

(MORÉAS)

No seu palacio encantado
De mil andares de póрте,
Entre a nobreza da côрте,
Scisma Agha Veli sentado.

Pelos salões espaçosos
Resoam notas festivas...
Os eunuchos aos convivas
Servem vinhos capitosos.

Ao clarão dos candelabros,
A' voz das harpas, sonora,
Voam em giros macabros
As escravas de Bassora.

De subito, num assomo
De mão occulta que impelle,
Entra, sem se saber como,
Uma ave e diz: Agha Veli,

A tua bella de opala,
Princesa de sangue azul,
Vae amanhã despozal-a
O filho do rei de Thul. „

Agha Veli ouve-a congesto
E grita por um cavallo,
Que venha, rapido e presto,
Junto a princesa leval-o !

“ Mais veloz que o vento alado,
Qual de vós, rompendo a treva,
Antes que seja o sol nado,
Ao fim do mundo me leva ? „

“ Mais que o vento pressuroso
E o proprio raio iracundo
(Responde um corcel fogoso)
Eu levo-te ao fim do mundo „.

E parte como um demonio . . .
Florestas, valles, montanhas,
Rios, cidades, campanhas,
Somem-se num pandemonio.

Vê-o da sua caverna
O dragão em sobresalto
Transpondo apenas dum salto
O pico onde o lhama inverte.

A devorar horizontes
No seu galopar sem tregoa
Corre por valles e montes
Em cada passo uma legoa.

Mas dentro em momentos, antes,
Que resurja o sol no espaço
Ante um prestito arquejante
Detem o sinistro passo.

Em vez de cantos de bôda
Ouvem-se preces e rezas . . .
Filas de vellas acezas
Pontilham a noite toda.

E' um enterro de donzella,
Talvez donzella e princeza,
Vae de branco e de capella
Os symbolos da pureza.

" Dizei-me rapido e breve
(Agha Veli á turba exhorta)
Quem nesse esquife de neve
A esta hora enterra-se, morta? „

" E' a bella da côr de opala
Princeza de sangue azul;
la amanhã despozal-a
O filho do rei de Thul. „

PERFIL

Teu marmoreo perfil, como heide descrevel-o ?
Direi dia o teu rosto e noite o teu cabelo.

A GUITARRILHA

(FOLEY)

Vibrei a minha guitarrilha
Sob o balcão de Mona Lola;
Ella, das dobras da mantilha,
Jogou-me um óbulo de esmola.

Cantei, no mar, a uma Duqueza,
Ao marulhar das vagas querulas;
Ella me olhou triste e surpresa
E deu-me o seu collar de perolas.

Depois, em terras de degredo,
Ouviu-me uma Princeza, e, louca,
Metteu-me o seu anel no dedo
E deu-me um beijo em plena bocca.

Aos pés de um throno refulgente,
Cantei a uma Rainha, e enquanto
Ella me ouviu, copiosamente
Molhou-me a vaga do seu pranto.

Inda na igreja de um convento,
Com verve tal e graça tanta
Cantei, que ao fim, de assentimento,
Sorriu-me terna a Virgem Santa.

Fui um cantor de raça e fama,
De doce voz e olhar sympathico . . .
Barcarolei do Guadarrama
Ás verdes aguas do Adriatico.

Mas — ai de mim! — uma hespanhola,
A quem tentei fugir de medo,
Prendeu-me, a um gesto de *manola*,
Numa tourada de Toledo.

Damas gentis, não mais agora
A minha guitarrilha arpeja ;
Nem mais rirás, Nossa Senhora,
Quando eu entrar á tua igreja.

Anel e perolas, bem logo
Vos apartei da vista minha ;
E ha muito a sua bocca em fogo
Bebeu-te as lagrimas, Rainha.

Amo-a ! e máu grado essa secreta
Paixão com que ella inda me humilha
Ella chamou-me *mau poeta*
E eu quebrei a guitarrilha !

ESTROPHES A BABY MEE

A tua voz!... A Poesia é nobre,
Mas pobre em côr e som para exaltal-a;
A Musica é talvez inda mais pobre,
E a Pintura, essa então já nem se fala.

Para que, pois, accumular ideias
E recorrer a trópos e chimeras,
Evocando ora o canto das sereias,
Ora a voz nunca ouvida das esferas?...

Cantal-a, só se as artes algum dia,
Reumidas em Esthetica futura,
Derem som, por exemplo, á Poesia,
Côr á musica e falas á Pintura.

A Natureza só não é bastante,
Nem como todo nem como accessorio...
E eu prefiro o trinar de uma ave errante
A' guitarrilha de D. Juan Tenorio.

Has de, no emtanto, ter ouvido, filha,
Essa guitarra de canções extranhas,
Que sendo, ao mesmo tempo, a maravilha,
Foi o terror e a gloria das Hespanhas.

Quando soava em noites de luares
A' sombra de palacios e choupanas,
Desde Sevilha em fóra ao Manzanares,
De par em par abriam-se as *ventanas*.

Pobre de *niña*, que entretanto ousasse
Ouvir-lhe o seductor threno dolente :
Era como si o portico passasse . . .
Per me si va tra la perduta gente! . . .

Outro instrumento, sujo canto, embora
Rendendo preitos a Rosina esquiva,
Eu não comparo á tua voz canora,
E' o bandolim do Conde de Almaviva.

*Je suis Lindor ; ma naissance est commune
Mes vœux sont ceux d'un simple bachelier :
Que n'ai je, hélas ! d'un brillant chevalier
A vous offrir le rang et la fortune !*

Não tinha a graça, a seducção, o encanto
Desse trinar da tua que é só teu,
Sem simile na fala nem no canto
Quer a flauta de Pan, quer a de Orpheu.

E já que falo na Mythologia,
E o profano ao sagrado se mistura,
Direi que a não comparo em harmonia
Nem mesmo á harpa eólea da Escripura.

Ha na Biblia um versiculo, entretanto,
Cuja lembrança a tua voz excita :
E' quando o rei compara ao oleo santo
O balsamo da voz de Sulamita.

Mas não ha termo de comparação
Entre a voz della e a tua voz cantada,
Pois nos bons tempos do rei Salomão
Não se sabia o que era uma ballada.

A tua voz divina é como um templo
Que santifica tudo. Ophelia louca,
Ninon, *Amami* ou Giulia, por exemplo,
São o mesmo poema em tua bocca.

Ophelia louca tanto mais delira
Quanto mais terna a tua voz enleva . . .
E sente-se de Giulia quando expira
Che era il male d'amor che la struggeva.

Amami, entretanto, crê, querida,
E' a *romanza* que quero ouvir de ti;
E o dia em que a deixar de ouvir na vida
Serà l'estremo dei miei tristi dì.

Alfredo de Musset que ergueu na lyra
A Malibran ao tumulo pendida,
Ai, que diria si a Ninon te ouvira,
Essa Ninon que elle sonhou sem vida?! . . .

Não sei; mas foi poeta, e conjecturo
Que havia de dizer tanto de ti,
Que certo fôra o mesmo no futuro
Falar em Malibran ou Baby Mee.

D. ANNA

(SOBRE UMA PAGINA DE MORÉAS)

E' minha propria esta pequena historia,
Se não falha a memoria.

Mas como estimo que ninguem a entenda,
Dou-lhe a fórma de lenda.

O meu cavallo a galopar sem treguas
Corre leguas e leguas.

Do gorro azul o meu pennacho branco
Agita-se de flanco.

Segue rente ao corcel, batendo a orelha,
Meu galgo, de parelha.

A galope! a galope! sobre o flanco
Vôa o pennacho branco.

Vou desposar a que me aguarda, ancioso
Por dar-lhe a mão de esposo.

O meu cavallo a galopar sem treguas
Corre leguas e leguas.

Posta ao balcão de seu castello, ufana,
Debruça-se D. Anna.

Quando ella ri desprendem-se do espaço
Os sóes no seu regaço.

E' como um sol radiante á face sua,
E a cutis côr da lua.

Posta ao balcão de seu castello, ufana,
Debruça-se D. Anna.

— “Meu cavalleiro, acaso a toda a brida
Corres ao fim da vida?”

— Vou desposar a que me aguarda, ancioso
Por dar-lhe a mão de esposo.

— “E' como um sol radiante a face tua
E a minha é côr da lua.

— Vou desposar a que me aguarda, ancioso
Por dar-lhe a mão de esposo.

— “Mas quando eu rio soltam-se do espaço
Os sóes no meu regaço . . .”

Tomo-a nos braços . . . Mais e mais de flanco
Vôa o pennacho branco.

O meu cavallo a galopar sem treguas
Corre leguas e leguas.

E em vão me aguarda a que me aguarda anciosa
Por dar-me a mão de esposa !

— — —

E' minha propria esta pequena historia,
Se não falha a memoria.

Mas como estimo que ninguem a entenda,
Dou-lhe a fórma de lenda.

UM BRINDE

I

Eu bebo á manhan de amores,
Manhan em que os meus sapatos
E os teus mignons sapatinhos
(Os teus cobertos de flores,
Os meus cobertos de lama,
Lama e flores dos caminhos)
Encontraram-se juntinhos,
Pisando na mesma gramma.

II

E bebo á noite de amores,
A' noite em que os meus sapatos
E os teus mignons sapatinhos
(Os teus cobertos de flores,
Os meus cobertos de lama,
Lama e flores dos caminhos)
Encontraram-se juntinhos
Debaixo da mesma cama.

1892.

ROSITA

I

Quando ella passa — *salero!*
Viva a bella *señorita!*
Exclama *Mexico entero*
Quando ella passa : *salero!*
E' como um golpe *certero*
La mirada de Rosita.
Quando ella passa — *salero!*
Viva a bella *señorita!*

II

*Mexico quita el sombrero
A' la hermosura de Lima.
Mal se lh'avista—pandero!
Mexico quita el sombrero,
Porém se fala, que esmero
Para os trinados da rima!
Mexico quita el sombrero
A' la hermosura de Lima.*

III

*" Para toreros Madrid „
Y Lima es para la gracia.
Para elegancia, Paris,
" Para toreros, Madrid. „
Recuerdo el canto que oí
Un dia por mi desgraçia :
" Para toreros, Madrid . . . „
Y Lima es para la gracia.*

IV

*Quando ella passa—bolero!
Acclama Mexico em grita
Viva la gracia —pandero!
--Quando ella passa—bolero!
—Y tambien yo, brasilero,
Saludo a usted, señorita.
Quando ella passa—bolero!
Acclama Mexico em grita.*

V

*Assombra Mexico entero,
La gracia de señorita!
Mal ella surge, –salero!
Assombra Mexico entero!
Mal se lh'avista –pandero!
Viva la gracia, Rosita!
Assombra Mexico entero
La gracia de señorita.*

Mexico, 01.

DUAS PAIZAGENS

Como a tua lembrança neste instante
Me punge n'alma funda e amargurada!
E' a hora em que a terra, em luz banhada,
Estreita ao seio o sol agonisante.

E' tudo o mesmo: a casa na esplanada...
O céu azul... o morro verdejante...
Mas, sem teu vulto negro e deslumbrante,
Como esta scena é triste e desolada!...

Tambem, noutro paiz, bem longe, um dia,
Vi dominando uma paizagem fria
Um cysne preto sob um céu tristonho...

Não mais te vi que o não sonhei te vendo,
E agora—só agora—compreendo
Porque é que essa ave me povôa o sonho!...

SONETOS DE SHAKESPEARE

XIV

Eu não sei ler a sorte em astrolabios,
E nem predigo pela astrologia
A fome e a peste como uns tantos sabios;
Mas entretanto sei astronomia.

Um destino qualquer eu não leria;
Se houvesse por ventura o estranho fado
A ler de um rei ou principe de estado,
Bofé! que ao certo ler não saberia.

E' que em duas estrellas eu resumo
(Teus olhos) toda a minha astronomia;
E tanto leio nelles, que presumo


Que foste filha de um cinzel antigo,
E o dia em que morreres, nesse dia
Morrerás na terra a plastica contigo.

XVII

*Assim queiram em época futura
Crer nos versos que faço ás minhas penas,
E aonde como n'um sepulcro apenas
Guardo parte de tua formosura.*

*Pois se eu dissesse de tu'alma pura
E de teu corpo como os tenho em mente
Diriam: « Qual, este poeta mente,
Nunca existiu tão bella creatura! »*

*E os meus sonetos amarellecidos
Dormiriam nas éras esquecidos
Até que a critica os tomasse amiga,*

*Não para gloria tua ou do poeta,
Mas como norma rara ou obsoleta
Dos exageros de uma eschola anti* .

XXI

Não sou daquelles que, exaltando aquella
A quem amar juraram cégamente,
Logo antepõem-na, incondicionalmente,
Ao sol, á lua, á perola ou á estrella.

Se são pintores, pintam-na na téla
Como o que ha de mais bello no universo;
Se são poetas, cantam-na no verso
Como em meio das bellas a mais bella.

Eu, não ; de ti só digo simplesmente
(E menos não podia em prosa ou rima
Dizer) que és bella, como toda a gente.

E quem me leia que não saiba aprenda
Que se não louva prenda que se estima
Quando a intenção não ha de pôl-a á venda.

LIX

*Se tudo quanto existe antes tinha existido
E nada ha mais de novo, é triste a desventura
Do pensador que traz o espirito em tortura
Para ao fim dar á luz um verso já nascido.*

*Mas quem me dera ter quanto in-folio ou brochura
Ha seculos e seculos tem-se produzido ;
Assim, talvez achasse em alguma escriptura
Noticia do teu corpo antes preconcebido.*

*Então, talvez copiando espiritos preteritos
Eu chegasse a saber como cantar-te os meritos,
Ou o segredo porquê de uma hegira afastada*

*Vens tu, de metamorphose em metamorphose,
Em eterno louvor e eterna apotheose,
Eternamente bella e eternamente amada!*

SONETO

(S. PRUDHOMME)

Sei de um louco que embalde, incessante, á porfia,
Busca uma flor que vira um dia na Allemanha,
Flor mais rara e ideal que a *edelweiss* da montanha,
De um perfume subtil e vago que inebria.

Existe acaso a flor? ou foi na phantasia
Do louco que surgiu essa chimera estranha?
Não sei, sei que um encanto excentrico acompanha
Essa flor que elle viu pela Allemanha um dia.

Diz elle que ao beijar-se a encantada corolla
Outro mundo, outro céo no perfume se evola
E sente-se na flor uma alma que suspira.

E o louco em vão procura a flor que um orbe expande!
Mas a flor é tão rara, a Allemanha é tão grande...
E elle definha e morre emquanto em sonho a aspira.

CAMPOAMOR

PAOLO E FRANCESCA

Morreria contigo, se o destino
Nos conduzisse áquelle mesmo inferno,
Onde unidos, segundo o Florentino,
Dão-se Paolo e Francesca o beijo eterno.

COM O TEMPO

Passam vinte annos : chega Elle ;
Vêm-se (*Pasmo*) *Elle* e *Ella* :
— Santo Deus ! este é aquelle ? ! . . .
— Mas, meu Deus ! esta é aquella ? ! . . .

EPITAPHIO

Foi um sonho de amor a sua historia :
Nasceu ... viveu ... esplendorosa e amada ;
Amou ... reinou ... morreu ... entrou na gloria,
E o céo fechou-se apoz a sua entrada.

BODAS CELESTES

Vi-te só uma vez e um só momento,
Mas, o que faz o vento com as palmas,
Faz entre nós, de longe, o pensamento :
São quaes duas palmeiras nossas almas
Casadas pelo vento.

TESTEMUNHA MUDA

Ah, Victoria, que fizeste ?
Foi rumor de um beijo aquelle ?
Bem te ouvi, quando disseste :
" Não fiz tanto assim com elle. „
Ah, Victoria !
Quão fragil tens a memoria ! . . ,
Roga a Deus que nunca fale
Aquelle fonte, ao pé do valle . . .

A TUA CARTA

Deixei-te ; para Londres, entretanto,
Escreveste-me triste :
“Fita essa estrella que fitámos tanto
Na noite em que partiste. ”

Falaste-me de modas, porém, logo
Volveste, apaixonada :
“Põe nessa estrella teu olhar de fogo,
Onde eu vivo enlevada ! ”

Pura e triste illusão, que noite aquella !
Quando a carta te lia,
Não pude ver nossa querida estrella . . .
Porque em Londres chovia.

LOÚROS, PRETOS E BRANCOS

I

A mãe de meu amor, que está no céu,
Quando eu era menor, como um thezouro,
Trazia ao seio, sob negro véo,
Os meus cabellos amarelos de ouro.

II

Outra mulher que, com su'alma toda,
Me adorava, leal e feiticeira,
Sempre trazia, desde nossa boda,
Mechas de minha negra cabelleira.

III

Ai! como agora nenhum peito amigo
Quer mais guardar as minhas cans de gelo,
Leval-as-ei ao tumulo commigo,
Eu guardarei na morte o meu cabelo!...

INTERMEZZOS DE HEINE

IX.

Bellas estrellas, se algum dó mereço,
Falae de mim a meu amor distante,
Dizei-lhe que ainda e sempre permaneço
Pallido, o peito em chagas, mas constante.

XXXVI

Sei de um logar entre os logares santos,
Onde do Ganges a caudal estúa,
Para levar-te na aza de meus cantos.

Ali, na atmosphaera embalsamada,
Entre perfumes, ao clarão da lua,
Lotus em flor, aguarda-nos, amada.

Hão de as rosas, ao verem-te, mais bellas
Enciumar-se ; phrases perfumadas
Trocarão entre si lirios e estrellas,
E hão de ver-te as gazellas assombradas.

E á sombra amiga que a palmeira encanta,
Onde do Ganges a caudal estúa,
Sonharemos de amor, em terra santa,
Entre perfumes, ao clarão da lua.

XLII

Por vezes de uma lenda mysteriosa
Surge uma branca mão abençoada,
Mão que me guia e leva carinhosa
A uma terra encantada.

Terra do sonho incognita paragem !
Vejo ali nos poentes magoados
As flores que entre-beijam-se na aragem
Como seres amados.

Toda a paisagem se polvilha de ouro :
Cantam as fontes murmuras e querulas,
Cantam todas as arvores em côro
Num marulho de perolas.

São cantigas de amores nunca ouvidas
De nós outros mortaes e sonhadores ;
Estas sim, de nós outros não sabidas,
São cantigas de amores.

Ah! quem me dera me prendesse um dia
Aquella branca mão abençoada,
Livre de dores, cheio de alegria,
Nessa terra encantada!

Mas a terra transmuda-se em deserto
De solidão, inhospito e medonho,
Pois essa terra esvae-se, mal desperto,
Como as nevoas de um sonho.

XLIX

O phantasma da minha phantasia
Surge ás vezes da tumba semi-morto,
Para falar-me á vida que eu vivia
Outr'ora em ti e em teu amor absorto.

Passava o dia sem fazer mais nada
Que andar nas ruas indistinctamente :
Tinha a fronte tão livida e fechada
Que infundia temor a toda a gente.

A' noite continuava o afan diurno :
Nem uma porta na cidade aberta
Quando eu com minha sombra, taciturno,
Vinha a cidade percorrer deserta.

Célere o passo, o coração latente,
Andava aqui e ali de rua em rua . . .
Como para mofar-me sorridente
Collava a noite a mascara da lua.

E detinha-me em frente á tua casa
Aguardando-te a vinda palpitante.
A mente ardendo de tal modo em braza,
Que ao lembrar-me inda punge aquelle instante.

E' que eu sabia que o teu vulto amado
Costumava ao balcão olhar a rua,
E ver-me ali como um pilar plantado,
Banhado em cheio pela luz da lua.

EPILOGO

Quero enterrar estas canções magoadas,
Tristes sonhos de minhas illusões :
Venha um esquite, pois, de não sonhadas,
Enormes dimensões.

Pretendo encher-o de tal modo estranho,
Que ao proprio peso de pesado vergue,
Comquanto o queira grande e do tamanho
Do tonel de Heidelbergue.

Preciso em summa um féretro impossivel,
De dimensão tão vasta e tão extensa,
Que exceda o comprimento inexcedivel
Da ponte de Mayença.

Venham doze gigantes, taes e em tudo
Tão grandes, que se apouque de pequeno
São Christovam, esse Hercules membrudo
De Colonia do Rheno.

Peguem agora esse caixão estranho
E queiram-no, gigantes, atirar
Ao mar, que para féretro tamanho
Só um tumulto — o mar !

E sabeis porque assim tão desmarcados
Cova e caixão sonhei na minha dor ?
— Porque nelles sepulto, desgraçados !
O meu immenso amor !



INDICE



INDICE

	Pag.
ESTUDO CRITICO	1
FONTOURA XAVIER	XI

MUSA LIVRE

Musa livre	5
Tiradentes	6
O velho Deus	9
Massas de bronze	12
Orphée aux enfers	13
Ave, Italia!	15
Flat lux!	20
Brinde	22
Junto de um morto	23
El-rei Cartaphilo	24
A morte de Gérard de Nerval	25
Monologo de um sceptico	28
Pompilio de Albuquerque	30
A' guerra!	31
Adeus	33
Carvalho Junior	35
A grande viagem	37
Um brilhante	38
Revolta do tumulo	39
A aguia pellada	40
Philosophia .	43

	Pag.
As cataractas do Niagara	44
Causa	46
Salve, Cesar !	47
Elegia	49
Lenda arabe	50
Battage .	52
Reliquia de Mahadura	53
O afogado	55
As montanhas	57
Merito	58
A caridade	59
Educação	61
A caravana espectro.	62
Incognito	65
Expansão	66
Ambição	68

CLOWNS

Roast-beef	73
A mulher do palhaço	74
Sobre uma pagina	75
Carlos Torisco	76
Carta á vizinha	77
A lua	78
Musa da Arcadia	79
Em trajos menores	80
O monstro	84
O pagem	85
Ao Silvestre de Lima	92
Andaluz	93
Estudantina .	94
Ixora	95
Céo aberto	96
Segredos	97
O epigramma	98

Pag.

RUINAS

Flor da decadencia	103
Spleen	104
Pomo do mal	107
Um prologo.	108
Thermas de luz	109
A' margem da corrente	111
Falam as flores	112
Loura e branca	115
Nocturno	117
Nevrose	119
A mulher que ri.	120
Dama das camélias	121
A minha dor	122
Estudo anatomico	124
O Eldorado.	125
Spleen	127
Preludio	128
O horizonte	129
Os passaros	130
O coração	131
Adeus !.	132
A bola de ouro	133
A minha estrella	135
Paraphrase a C. Flores	137
A venus de Washington	138
Madrigal	140
Ao largo	141
Portico de album	143
A cavallo	145
N'um leque	147
Agha Veli	148
Perfil	151
A guitarrilha	152
Estrophes a Baby Mee	154

	Pag.
D. Anna	157
Um brinde	160
Rosita	162
Duas paizagens	165
Sonetos de Shakespeare	166
Soneto	170*
Campoamor	171
Intermezzos de Heine	179
Epilogo	185

Casimiro de Abreu

As primaveras, poesias, O Camões e o Jáo (scena dramatica), Dois romances em prosa; edição precedida d'um juizo critico de varios escriptores brasileiros e de um prologo por M. Pinheiro Chagas, 1 vol. br. 500, cart. 700

Gonçalves Crespo

Obras completas, precedidas de uma introdução e revistas por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, e seguidas d'um appendice, comprehendendo os seus inéditos de prosa e verso, 1 vol. cart. 1\$500

Antonio Feijó

Cancioneiro Chinez, 2.^a edição, revista e augmentada, 1 vol. br. 800

J. Simões Dias

Peninsulares. Collecção de obras poeticas, 5.^a edição com um estudo critico-biographico pelo Visconde de Sanches de Frias, 1 vol. 600

Luiz Guimarães

Sonetos e rimas, 2.^a edição, revista e augmentada com um prefacio de Fialho d'Almeida, 1 vol. 1\$000

João Braz d'Oliveira

Portugal, romance cavalheiresco, com um prologo por Xavier da Cunha 400

Poesias escolhidas (1898—1902) 1 vol. 600

João de Barros

Caminho do amor, 1 vol. 400

Conde de Monsaraz

Bemvinda, poema em 5 cantos. 200

Luiz Guimarães, filho

Livro da minha alma, 1 vol. com o retrato do auctor, cart. 600

NO PRÉLO

O Encoberto. Poema de Affonso Lopes Vieira.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).